

Exclusivo do Professor

livro prático do professor

Entre Palavras 9
Português 9.º Ano

António Vilas-Boas / Manuel Vieira

INCLUI:

- Planificação anual das sequências didáticas de 9.º ano
 - Grelhas de avaliação da Escrita e da Oralidade
 - Testes de Oralidade
- 10 Testes de avaliação segundo as tipologias do GAVE



leYa

SEBENTA

Exclusivo do Professor

livro prático do professor

Entre Palavras 9
Português 9.º Ano

António Vilas-Boas / Manuel Vieira

Colega,

Este componente do projeto *Entre Palavras 9* destina-se a si.

Nele encontrará recursos variados:

- uma proposta de **planificação anual das sequências didáticas**, construída de acordo com as sequências do Manual;
- outros materiais de apoio:
 - para a **escrita** – grelhas de avaliação do processo de escrita;
 - para a **oralidade** – grelhas de avaliação/observação da expressão oral formal, por sequência;
- 10 testes – dois relativos a cada sequência didática do Manual – construídos segundo as tipologias do GAVE e incluindo textos literários indicados nas *Metas Curriculares de Português*.

Todos estes recursos estão também disponíveis na plataforma **2.0 AULA DIGITAL**, o que permite a sua impressão e projeção. No componente multimédia, encontrará a planificação das sequências didáticas e os 10 testes de avaliação modelo GAVE em formato editável.

Esperamos que este *LPP* possa ser útil e favoreça as suas práticas letivas.

Votos de bom trabalho!

Os autores.

manual
escolar



SEBENTA

Esta obra foi escrita de acordo com as novas normas ortográficas.

Índice

Planificação

Planificação anual das sequências didáticas de 9.º ano	5
--	---

Materiais de apoio ao desenvolvimento das atividades

Escrita

Grelhas de avaliação

Sequência 1

Escrever um texto expositivo	28
------------------------------------	----

Sequência 3

Escrever para contra-argumentar	29
---------------------------------------	----

Texto argumentativo	30
---------------------------	----

Sequência 4

Escrever um texto expositivo	31
------------------------------------	----

Escrever para argumentar contra uma tese	32
--	----

Poemas recriados

Sequência 5

[Ó mar salgado, quanto do teu sal]	33
--	----

[Ó sino da minha aldeia]	34
--------------------------------	----

Oralidade

Grelhas de avaliação

Sequência 2

Falar para comentar opiniões – grelha 1	35
---	----

Falar para comentar opiniões – grelha 2	36
---	----

Sequência 3

Falar para argumentar	37
-----------------------------	----

Sequência 4

Falar para expor acontecimentos	38
---------------------------------------	----

Falar para argumentar e contra-argumentar (Debate)	39
--	----

Testes de oralidade

Sequência 1

Teste de compreensão oral: vídeo "Dicas de *Surf*" 40

Sequência 2

Teste de compreensão oral: vídeo "Aparatoso acidente
de trânsito no Porto" 42

Sequência 3

Teste de compreensão oral: vídeo "O Diabo explicado" 44

Sequência 4

Teste de compreensão oral: *link* internet (vídeo)
"Circum-navegação do navio-escola *Sagres*" 46

Sequência 5

Teste de compreensão oral: áudio «Receita de Ano Novo», poema
de Carlos Drummond de Andrade 48

Testes de avaliação modelo GAVE

Sequência 1

Teste 1 52

Teste 2 57

Sequência 2

Teste 1 63

Teste 2 68

Sequência 3

Teste 1 73

Teste 2 78

Sequência 4

Teste 1 83

Teste 2 88

Sequência 5

Teste 1 93

Teste 2 98

Soluções

Testes de compreensão oral 105

Testes de avaliação modelo GAVE 106

Planificação
anual
das sequências
didáticas

9.º ano

Distribuição média do número de blocos de 90 minutos por período letivo

Período	Blocos letivos de 90 minutos	Blocos letivos de 45 minutos	Testes e correções	Totais
1.º período	24	14	2 + 2	42
2.º período	20	12	2 + 2	36
3.º período	14	9	2 + 2	27
Totais	58	35	12	105

Sequência didática:

1. Textos não literários

1.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
ORALIDADE	Compreensão oral <u>Interpretar discursos orais com diferentes graus de formalidade e complexidade.</u> - Identificar o tema e explicitar o assunto. - Identificar os tópicos. - Distinguir informação objetiva e informação subjetiva. <u>Consolidar processos de registo e tratamento de informação.</u> - Identificar ideias-chave. - Reproduzir o material ouvido recorrendo à síntese.	Escuta / visionamento ativo para apreensão de sentidos globais e pormenores (Manual, pág. 22)	• Ficheiro vídeo 21 AULA DIGITAL "Dicas de Surf" (2,49 min)	Teste de compreensão oral (LPP, pág. 40)
	Expressão oral <u>Produzir textos orais corretos, usando vocabulário e estruturas gramaticais diversificados e recorrendo a mecanismos de organização e de coesão discursiva.</u> - Planificar o texto oral a apresentar, elaborando tópicos a seguir na apresentação. - Utilizar informação pertinente, mobilizando conhecimentos pessoais ou dados obtidos em diferentes fontes, citando-as. - Usar a palavra com fluência e correção, utilizando recursos verbais e não verbais com um grau de complexidade adequado ao tema e às situações de comunicação. - Diversificar o vocabulário e as estruturas utilizadas no discurso.	Falar para apresentar e justificar pontos de vista (Manual, pág. 31)	Grelha de autoavaliação (Manual, pág. 33) Grelha de heteroavaliação (Manual, pág. 33)	Planificação Execução Avaliação

1.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
Leitura	<u>Ler textos diversos.</u> - Ler textos narrativos, textos expositivos, textos de opinião, textos argumentativos, textos científicos, críticas, resenhas de livros, comentários, entrevistas. <u>Interpretar textos de diferentes tipologias e graus de complexidade.</u> - Identificar temas e ideias principais. - Identificar pontos de vista e universos de referência. - Identificar causas e efeitos. - Distinguir factos de opiniões. - Fazer deduções e inferências. - Analisar relações intratextuais. - Reconhecer a forma como o texto está estruturado (diferentes partes). - Detetar elementos do texto que contribuem para a construção da continuidade e da progressão temática e que conferem coerência e coesão ao texto. - Explicitar o sentido global do texto. - Identificar recursos estilísticos. <u>Utilizar procedimentos adequados à organização e tratamento da informação.</u> - Identificar ideias-chave.	Textos não literários Texto informativo Texto expositivo Reportagem Crónica Entrevista Recensão Texto científico	• Texto 1 "Goa – um rubi com brilho lusitano" (Manual, pág. 14) • Texto 2 "D. Henrique e a aventura oceânica" (Manual, pág. 18) • 20 AULA DIGITAL PowerPoint Texto expositivo • Texto 3 "À procura da onda perfeita" (Manual, pág. 22) • Texto 4 "Mar e mar" (Manual, pág. 26) • Texto 5 "Portugal sempre esteve virado para o mar" (Manual, pág. 28) • Texto 6 "Reedição de A Campanha do Argus recorda a pesca do bacalhau" (Manual, pág. 34) • Texto 7 "O celacanto" (Manual, pág. 36)	Questionários de resposta aberta e de resposta fechada (escolha múltipla e verdadeiro/falso) Teste de verificação de conhecimentos (Manual, págs. 38–39) 20 AULA DIGITAL Teste interativo Textos não literários Testes de avaliação modelo GAVE (LPP, págs. 52–62)

1.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
Escrita	<u>Planificar a escrita de textos.</u> - Consolidar os procedimentos de planificação de texto já adquiridos.	Escrever para comentar uma opinião	Atividade de escrita (Manual, pág. 16)	Planificação
	<u>Redigir textos com coerência e correção linguística.</u> - Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto.	Escrever um texto expositivo	Oficina de escrita (Manual, pág. 19)	Textualização
	<u>Escrever textos expositivos.</u> - Escrever textos expositivos sobre questões objetivas propostas pelo professor.	Escrever para exprimir e defender uma opinião	Atividade de escrita (Manual, pág. 25)	Revisão
	<u>Escrever textos argumentativos.</u> - Escrever textos argumentativos com a tomada de uma posição; a apresentação de razões que a justifiquem, com argumentos que diminuam a força das ideias contrárias; e uma conclusão coerente.	Escrever para apresentar e justificar pontos de vista	Atividade de escrita (Manual, pág. 33)	Grelha de avaliação da expressão escrita (LPP, pág. 28)
	<u>Escrever textos diversos</u> - Escrever comentários subordinados a tópicos fornecidos.			Grelha de avaliação da expressão escrita 20 AULA DIGITAL
Gramática	<u>Rever os textos escritos.</u> - Reformular o texto de forma adequada, mobilizando os conhecimentos de revisão de texto já adquiridos.			
	<u>Conhecer classes de palavras.</u> - Integrar as palavras nas classes a que pertencem.	Classes de palavras Conjunções e locuções subordinativas concessivas; Lugar dos pronomes pessoais átonos na frase	- Atividades (Manual, págs. 17, 24, 25, 31, 35) - Sistematizações (Manual, Anexo informativo, págs. 270, 276, 277) - Fichas (Caderno de Atividades, págs. 28, 38, 49, 53) - Animações	Exercícios de tipologia variada. Questões abertas e fechadas (perguntas de associação, de completamento de frases, de resposta de escolha múltipla e de verdadeiro/falso)
	<u>Explicitar aspetos fundamentais da sintaxe do português.</u> - Aplicar as regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal.	Funções sintáticas: Sujeito (subentendido e indeterminado); Funções sintáticas	- Gramáticas: - Formação de palavras: derivação e composição - Funções sintáticas - Tipos de sujeito: subentendido e indeterminado - Oração subordinada adverbial concessiva	Teste de verificação de conhecimentos (Manual, págs. 38-39) 20 AULA DIGITAL Teste interativo Textos não literários
Gramática	<u>Explicitar aspetos fundamentais da sintaxe do português.</u> - Sistematizar as regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal em todas as situações.			
	- Consolidar o conhecimento de todas as funções sintáticas.			

Sequência didática**2. Textos literários: narrativas e crónicas**

1.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
ORALIDADE	Compreensão oral	<u>Interpretar discursos orais com diferentes graus de formalidade e complexidade.</u> - Identificar o tema e explicitar o assunto. - Identificar os tópicos. - Distinguir informação objetiva e informação subjetiva. <u>Consolidar processos de registo e tratamento de informação.</u> - Identificar ideias-chave. - Reproduzir o material ouvido recorrendo à síntese.	• Ficheiro áudio CD áudio 20 AULA DIGITAL • "Biobibliografia de Gabriel García Márquez" • Vídeo 20 AULA DIGITAL • "Aparatoso acidente de trânsito no Porto"	Teste de compreensão oral (LPP, págs. 42-43)
	Expressão oral	Falar para comentar opiniões Falar para expressar opiniões justificadas	• Atividade de expressão oral (Manual, pág. 57) • Atividade de expressão oral (Manual, pág. 86)	Planificação Execução Avaliação Grelhas de avaliação da expressão oral (LPP, pág. 35) 20 AULA DIGITAL

1.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
Leitura / Educação literária	Interpretar textos de diferentes tipologias e graus de complexidade. - Identificar causas e efeitos. - Distinguir factos de opiniões. - Fazer deduções e inferências. - Analisar relações intratextuais. - Detetar elementos do texto que contribuem para a construção da continuidade e da progressão temática e que conferem coerência e coesão ao texto. - Explicitar o sentido global do texto. Ler e interpretar textos literários. 1. Ler textos literários, portugueses e estrangeiros, de diferentes épocas e de géneros diversos. 2. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. 4. Analisar o ponto de vista das diferentes personagens. 5. Reconhecer a forma como o texto está estruturado, atribuindo títulos a partes e a subpartes. 7. Identificar e reconhecer o valor dos recursos expressivos (símbolo e sinédoque). 8. Reconhecer e caracterizar textos de diferentes géneros.	Textos literários <i>A oia</i> de Eça de Queirós Narrativa de autor português <i>A galinha</i> de Vergílio Ferreira Narrativa de autor português <i>A sexta de terça-feira</i> de Gabriel García Márquez Narrativa de autor estrangeiro <i>História comum</i> de Machado de Assis Conto de autor de país de língua oficial portuguesa <i>Peregrinação de Fernão Mendes Pinto</i> de Aquilino Ribeiro Textos de literatura juvenil <i>História sem palavras</i> de Maria Judite de Carvalho Crónica <i>A consequência dos semáforas</i> de António Lobo Antunes Crónica	• Texto integral 1 (Manual, pág. 42) • Texto integral 2 (Manual, pág. 49) • Texto integral 3 (Manual, pág. 59) • Texto integral 4 (Manual, pág. 70) • Texto 5 (excertos) (Manual, págs. 76 e 78) • Texto integral 6 (Manual, pág. 80) • Texto integral 7 (Manual, pág. 82)	Questionários de resposta aberta e de resposta fechada (escolha múltipla e verdadeiro/falso) Rubrica «Tomar-me Leitor» PNL (Manual, págs. 88-89) Teste de verificação de conhecimentos (Manual, págs. 90-91) 20 AULA DIGITAL Teste interativo Textos literários: narrativas e crónicas Testes de avaliação modelo GAVE (LPP, págs. 63-72)

2.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
Escrita	<u>Planificar a escrita de textos.</u> - Consolidar os procedimentos de planificação de texto já adquiridos.	Comentário	• Escrever para comentar (Manual, pág. 48)	Planificação, Textualização Revisão
	<u>Redigir textos com coerência e correção linguística.</u> - Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto.	Texto argumentativo	• Oficina de escrita Escrever para expressar opiniões fundamentadas (Manual, pág. 55)	
	<u>Escrever textos expositivos.</u> - Escrever textos expositivos sobre questões objetivas propostas pelo professor.	Texto de opinião	• Laboratório de texto (Manual, pág. 69) • Escrever para exprimir opiniões (Manual, pág. 81)	
	<u>Escrever textos argumentativos.</u> - Escrever textos argumentativos com a tomada de uma posição; a apresentação de razões que a justifiquem, com argumentos que diminuam a força das ideias contrárias; e uma conclusão coerente. - Escrever textos de argumentação contrária a outros propostos pelo professor.	Texto argumentativo	• Escrever para expressar opiniões justificadas (Manual, pág. 87) • Laboratório de texto (Manual, pág. 87)	
	<u>Escrever textos diversos</u> - Escrever comentários subordinados a tópicos fornecidos. <u>Rever os textos escritos.</u> - Reformular o texto de forma adequada, mobilizando os conhecimentos de revisão de texto já adquiridos.			

2.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
Gramática	<u>Conhecer classes de palavras.</u> - Integrar as palavras nas classes a que pertencem.	Locuções prepositivas Locuções adverbiais	• Atividades (Manual, págs. 48, 57, 66, 67, 68, 73, 74, 77, 79, 84)	Exercícios de tipologia variada. Questões abertas e fechadas (perguntas de associação, de completamento de frases, de resposta de escolha múltipla e de verdadeiro/falso)
	<u>Analisar e estruturar unidades sintáticas.</u> - Transformar frases ativas em frases passivas e vice-versa (consolidação). - Transformar discurso direto em indireto e vice-versa (todas as situações).	Frase ativa e frase passiva Discurso direto e discurso indireto	• Sistematizações (Manual, Anexo informativo, págs. 267, 276, 278, 279, 282)	Teste de verificação de conhecimentos (Manual, págs. 90-91)
	<u>Explicitar aspetos fundamentais da sintaxe do português.</u> - Aplicar as regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal.	Complemento direto e modificador [GV] desempenhado por orações Modificador de nome apositivo e restritivo Subordinação	• Fichas (Caderno de Atividades, págs. 16, 25, 60, 62, 42, 48, 53)	20 AULA DIGITAL Teste interativo Textos literários: narrativas e crónicas
	<u>Explicitar aspetos fundamentais da sintaxe do português.</u> - Sistematizar as regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal em todas as situações. - Consolidar o conhecimento de todas as funções sintáticas. - Dividir e classificar orações.	Orações subordinadas adverbiais comparativas Orações subordinadas adverbiais comparativas Funções sintáticas Discurso direto e discurso indireto Advérbio	• Animações 20 AULA DIGITAL Gramáticas - Recursos expressivos - Orações subordinadas adverbiais comparativas - Funções sintáticas - Discurso direto e discurso indireto - Advérbio	

Sequência didática**3. Teatro de Gil Vicente. *Auto da Barca do Inferno***

2.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
ORALIDADE	Compreensão oral	<u>Interpretar discursos orais com diferentes graus de formalidade e complexidade.</u> - Identificar o tema e explicitar o assunto. - Identificar os tópicos. - Distinguir informação objetiva e informação subjetiva. <u>Consolidar processos de registo e tratamento de informação.</u> - Identificar ideias-chave. - Reproduzir o material ouvido recorrendo à síntese.	• Vídeo 20 AULA DIGITAL "O Diabo explicado" • Vídeo 20 AULA DIGITAL "Sapateiro artesanal" • Vídeo 20 AULA DIGITAL "Muitos Portugueses traçam retrato negro da justiça"	Teste de compreensão oral (LPP, págs. 44-45)
	Expressão oral	Falar para argumentar	• Atividade de expressão oral (Manual, pág. 137)	Planificação Execução Avaliação Grelha de avaliação da expressão oral (LPP, pág. 37) 20 AULA DIGITAL

2.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
Leitura / Educação literária	<u>Interpretar textos de diferentes tipologias e graus de complexidade.</u> - Identificar causas e efeitos. - Distinguir factos de opiniões. - Fazer deduções e inferências. - Analisar relações intratextuais. - Detetar elementos do texto que contribuam para a construção da continuidade e da progressão temática e que conferem coerência e coesão ao texto. - Explicitar o sentido global do texto. <u>Ler e interpretar textos literários.</u> - Ler textos literários, portugueses e estrangeiros, de diferentes épocas e de géneros diversos. - Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. - Analisar o ponto de vista das diferentes personagens. - Reconhecer a forma como o texto está estruturado, atribuindo títulos a partes e a subpartes. - Identificar e reconhecer o valor dos recursos expressivos já estudados e, ainda, dos seguintes: anáfora, símbolo, alegoria e sinédoque. - Reconhecer e caracterizar textos de diferentes géneros (epopeia, romance, conto, crónica, soneto, texto dramático). <u>Reconhecer a variação da língua.</u> - Identificar, em textos escritos, a variação nos planos fonológico, lexical e sintático. - Distinguir contextos históricos e geográficos em que ocorrem diferentes variedades do português.	<i>Auto da Barca do Inferno</i> Cena I – O Diabo e o Companheiro Cena II – O Fidalgo Dom Anrique Cena III – O Onzeneiro Cena IV – O Parvo Joane Cena V – O Sapateiro Joanantão Cena VI – O Frade Cena VII – A Alcouviteira Brísida Vaz Cena VIII – O Judeu Cenas IX e X – O Corregedor e o Procurador Cena XI – O Enforcado Cena XII – Os Quatro Cavaleiros	• Atividades de compreensão de leitura (Manual, pág. 100) (Manual, pág. 103) (Manual, pág. 111) (Manual, pág. 115) (Manual, pág. 118) (Manual, pág. 122) (Manual, pág. 125) (Manual, pág. 130) (Manual, pág. 132) (Manual, pág. 139) (Manual, pág. 142)	Questionários de resposta aberta e de resposta fechada (escolha múltipla e verdadeiro/falso) Teste de verificação de conhecimentos (Manual, págs. 148-149) 20 AULA DIGITAL Teste interativo <i>Auto da Barca do Inferno</i>

Sequência didática

3. Teatro de Gil Vicente. *Auto da Barca do Inferno*

2.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
Escrita	<u>Planificar a escrita de textos.</u> - Consolidar os procedimentos de planificação de texto já adquiridos.	Escrever para apreciar criticamente	• Atividade de escrita (Manual, pág. 124)	Grelhas de avaliação da planificação, textualização e revisão (LPP, págs. 29 e 30)
	<u>Redigir textos com coerência e correção linguística.</u> - Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto.	Escrever para contra-argumentar	• Oficina de escrita (Manual, pág. 128)	
	<u>Escrever textos expositivos.</u> - Escrever textos expositivos sobre questões objetivas propostas pelo professor.	Escrever para argumentar sobre a atualidade do <i>Auto da Barca do Inferno</i> (Texto argumentativo)	• Atividade de escrita (Manual, pág. 138)	
	<u>Escrever textos argumentativos.</u> - Escrever textos argumentativos com a tomada de uma posição; a apresentação de razões que a justifiquem, com argumentos que diminuam a força das ideias contrárias; e uma conclusão coerente. - Escrever textos de argumentação contrária a outros propostos pelo professor.	Os processos de construção do cómico no <i>Auto da Barca do Inferno</i> . (Texto expositivo)	• Oficina de escrita (Manual, pág. 144)	
	<u>Escrever textos diversos.</u> - Escrever comentários subordinados a tópicos fornecidos.			
	<u>Rever os textos escritos.</u> - Reformular o texto de forma adequada, mobilizando os conhecimentos de revisão de texto já adquiridos.			

2.º PERÍODO			
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos, recursos e processos e instrumentos de avaliação	
Gramática	Explicitar aspetos da fonologia do português. - Identificar processos fonológicos de inserção (prótese, epêntese e paragoge), supressão (aférese, síncope e apócope) e alteração de segmentos (redução vocálica, assimilação, dissimilação, metátese).	Processos fonológicos de inserção, supressão e alteração de segmentos	Exercícios de tipologia variada. Questões abertas e fechadas (perguntas de associação, de completamento de frases, de resposta de escolha múltipla e de verdadeiro/falso)
	Explicitar aspetos fundamentais da sintaxe do português. - Sistematizar as regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal em todas as situações. - Consolidar o conhecimento de todas as funções sintáticas. - Identificar orações substantivas relativas. - Dividir e classificar orações.	Funções sintáticas (consolidação) Orações subordinadas substantivas relativas	• Atividades (Manual, págs. 102, 108, 113, 114, 117, 124, 128, 135, 141, 143) • Sistematizações (Manual, Anexo informativo, págs. 266, 275, 276, 279) • Fichas (Caderno de Atividades, págs. 5, 11-28, 30, 54)
	Reconhecer propriedades das palavras e formas de organização do léxico. - Identificar neologismos e arcaísmos.	Arcaísmos e neologismos	• Animações 20 AULA DIGITAL Gramáticas: - Tipos de sujeito: subentendido e indeterminado - Arcaísmos e neologismos - Funções sintáticas - Processos fonológicos de inserção, supressão e alteração de segmentos - Palavras derivadas: valores de sufixos e de prefixos - Formação de palavras: derivação e composição
			Teste de verificação de conhecimentos (Manual, págs. 148-149) 20 AULA DIGITAL Teste interativo <i>Auto da Barca do Inferno</i>

Sequência didática**4. Os Lusíadas de Luís de Camões**

2.º PERÍODO				
Dominios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
ORALIDADE	Compreensão oral	<u>Interpretar discursos orais com diferentes graus de formalidade e complexidade.</u> - Identificar o tema e explicitar o assunto. - Identificar os tópicos. - Distinguir informação objetiva e informação subjetiva. <u>Consolidar processos de registo e tratamento de informação.</u> - Identificar ideias-chave. - Reproduzir o material ouvido recorrendo à síntese.	• Link Internet (vídeo) • 20 AULA DIGITAL "Circum-navegação do navio-escola Sagres" (Manual, pág. 194) • Ficheiro áudio • 20 AULA DIGITAL CD áudio "História Trágico-marítima" (Manual, pág. 200)	Teste de compreensão oral (LPP, pág. 46)
	Expressão oral	Falar para expor acontecimentos Falar para argumentar e contra-argumentar (Debate)	• Atividade de expressão oral (3 a 5 minutos) (Manual, pág. 188) • Atividade de expressão oral (3 a 5 minutos) (Manual, pág. 224)	Grelhas para avaliação da Planificação e da Execução da produção e interação oral (LPP, págs. 38-39)

2.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
Leitura / Educação literária	<u>Interpretar textos de diferentes tipologias e graus de complexidade.</u> - Reconhecer e usar em contexto vocábulos clássicos, léxico especializado e vocabulário diferenciado da esfera da escrita. - Identificar causas e efeitos. - Distinguir factos de opiniões. - Fazer deduções e inferências. - Analisar relações intratextuais. - Detetar elementos do texto que contribuem para a construção da continuidade e da progressão temática e que conferem coerência e coesão ao texto. - Explicitar o sentido global do texto.	<i>Os Lusíadas</i> de Luís de Camões Canto I – Proposição, est. 1-3 Canto I – Consílio dos Deuses, est. 19-41 Canto III – Inês de Castro, est. 118-135 Canto IV – Despedidas de Belém, est. 84-93 Canto V – Adamastor, est. 37-60 Canto VI – Tempestade e chegada à Índia, est. 70-94 Canto IX – A Ilha dos Amores I, est. 18-29 Canto IX – A Ilha dos Amores II, est. 75-84 Canto X – Tétis despede-se dos portugueses, est. 142-144 Canto X – Lamentações, exortação a D. Sebastião e referência a futuras glórias, est. 145-146 e 154-156	• Atividades de leitura (Manual, págs. 161, 164, 166-173, 176-183, 190-193, 196-204, 206-212, 215-218, 221-225, 227-228)	Questionários de resposta aberta e de resposta fechada (escolha múltipla e verdadeiro/falso) Teste de verificação de conhecimentos (Manual, págs. 148-149)
	<u>Ler e interpretar textos literários.</u> - Ler textos literários, portugueses e estrangeiros, de diferentes épocas e de géneros diversos. - Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. - Reconhecer e caracterizar elementos constitutivos da narrativa (estrutura: ação e episódios; personagens, narrador da 1.ª e 3.ª pessoa; contextos espacial e temporal). - Analisar o ponto de vista das diferentes personagens. - Reconhecer a forma como o texto está estruturado, atribuindo títulos a partes e a subpartes. - Identificar e reconhecer o valor dos recursos expressivos já estudados e, ainda, dos seguintes: anáfora, símbolo, alegoria e sinédoque. - Reconhecer e caracterizar textos de diferentes géneros (epopeia, romance, conto, crónica, soneto, texto dramático).			20 AULA DIGITAL Teste interativo <i>Os Lusíadas</i>
	<u>Reconhecer a variação da língua.</u> - Identificar, em textos escritos, a variação nos planos fonológico, lexical e sintático. - Distinguir contextos históricos e geográficos em que ocorrem diferentes variedades do português.			

Sequência didática**4. Os Lusíadas de Luís de Camões**

3.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
Escrita	<u>Planificar a escrita de textos.</u> - Consolidar os procedimentos de planificação de texto já adquiridos.	Atividade de laboratório de texto	• Laboratório de texto (Manual, pág. 174)	Grelhas de avaliação da planificação, textualização e revisão (LPP, pág. 31)
	<u>Redigir textos com coerência e correção linguística.</u> - Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto.	Escrever texto expositivo Escrever para expressar opiniões fundamentadas	• Oficina de escrita (Manual, pág. 187)	
	<u>Escrever textos expositivos.</u> - Escrever textos expositivos sobre questões objetivas propostas pelo professor.	Escrever para expressar opiniões fundamentadas	• Oficina de escrita (Manual, pág. 188)	
	<u>Escrever textos argumentativos.</u> - Escrever textos argumentativos com a tomada de uma posição; a apresentação de razões que a justifiquem, com argumentos que diminuam a força das ideias contrárias; e uma conclusão coerente.	Escrever para argumentar Escrever para comentar uma afirmação	• Atividade de escrita (Manual, pág. 194)	
	<u>Escrever textos diversos</u> - Escrever comentários subordinados a tópicos fornecidos.		• Oficina de escrita (Manual, pág. 220) • Comentário (Manual, pág. 224)	

3.º PERÍODO	
Processos e instrumentos de avaliação	Exercícios de tipologia variada. Questões abertas e fechadas (perguntas de associação, de completamento de frases, de resposta de escolha múltipla e de verdadeiro/falso)
Recursos	- Atividades (Manual, págs. 163, 165, 172, 174, 182, 201, 216, 223) - Sistematizações (Manual, Anexo informativo, págs. 267, 276-278) - Fichas (Caderno de Atividades, págs. 7, 39-52, 51-58) - Animações 2D AULA DIGITAL Gramáticas: - As rimas e o esquema rimático em <i>Os Lusíadas</i> - <i>Que</i>: pronome relativo ou conjunção subordinativa causal? - Orações subordinadas adverbiais - As conjunções coordenativas e as orações coordenadas - Algumas funções sintáticas internas ao Grupo Verbal: complemento direto, complemento indireto e complemento oblíquo
Conteúdos	Formação de palavras (consolidação) Funções sintáticas (consolidação) Coordenação e subordinação (consolidação) Lugar do pronome pessoal átono na frase
Descritores de desempenho	<u>Explicitar aspetos fundamentais da morfologia.</u> - Sistematizar padrões de formação de palavras complexas: derivação (afixal e não afixal) e composição. <u>Explicitar aspetos da fonologia do português.</u> - Identificar processos fonológicos de inserção (prótese, epéntese e paragoge), supressão (aférese, síncope e apócope) e alteração de segmentos (redução vocálica, assimilação, dissimilação, metátese). <u>Explicitar aspetos fundamentais da sintaxe do português.</u> - Sistematizar as regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal em todas as situações. - Consolidar o conhecimento de todas as funções sintáticas. - Identificar orações substantivas relativas. - Dividir e classificar orações.
Domínios	Gramática

Sequência didática**5. Poesia lírica**

3.º PERÍODO					
ORALIDADE	Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
	Compreensão oral	<u>Interpretar discursos orais com diferentes graus de formalidade e complexidade.</u> - Identificar o tema e explicitar o assunto. - Identificar os tópicos. - Distinguir informação objetiva e informação subjetiva. <u>Consolidar processos de registo e tratamento de informação.</u> - Identificar ideias-chave. - Reproduzir o material ouvido recorrendo à síntese. <u>Reconhecer a variação da língua.</u> 1. Identificar, em textos orais, a variação nos planos fonológico, lexical e sintático. 2. Distinguir contextos geográficos em que ocorrem diferentes variedades do português.	Escutar para aprender sentidos globais e pormenores	• Ficheiro áudio 20 AULA DIGITAL - Poema «Receita de Ano Novo» de Carlos Drummond de Andrade (Manual, pág. 256)	Teste de compreensão oral (LPP, págs. 48-49)
	Expressão oral	<u>Produzir textos orais corretos, usando vocabulário e estruturas gramaticais diversificados e recorrendo a mecanismos de organização e de coesão discursiva.</u> - Planificar o texto oral a apresentar, elaborando tópicos a seguir na apresentação. - Utilizar informação pertinente, mobilizando conhecimentos pessoais ou dados obtidos em diferentes fontes, citando-as. - Usar a palavra com fluência e correção, utilizando recursos verbais e não verbais com um grau de complexidade adequado ao tema e às situações de comunicação. - Diversificar o vocabulário e as estruturas utilizadas no discurso.			Planificação Execução Avaliação

Sequência didática

5. Poesia lírica

3.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
Leitura / Educação literária	Ler em voz alta. - Ler expressivamente em voz alta textos variados, após preparação da leitura. Ler e interpretar textos literários. - Ler textos literários, portugueses e estrangeiros, de diferentes épocas e de géneros diversos. - Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. - Sistematizar elementos constitutivos da poesia lírica (estrofe, verso, refrão, rima, esquema rimático). - Reconhecer a forma como o texto está estruturado, atribuindo títulos a partes e a subpartes. - Identificar e reconhecer o valor dos recursos expressivos já estudados e, ainda, dos seguintes: anáfora, símbolo, alegoria e sinédoque. - Reconhecer e caracterizar textos de diferentes géneros (epopeia, romance, conto, crónica, soneto, texto dramático).	1. «Mar português» de Fernando Pessoa 2. «O Mostrengo» de Fernando Pessoa 3. «Luís, o poeta, salva a nado o poema» de Almada Negreiros 4. «Camões e a tença» de Sophia de Mello Breyner Andresen 5. «[Porque]» de Sophia de Mello Breyner Andresen 6. «[Se estou só, não quero estar]» de Fernando Pessoa 7. «[Ó sino da minha aldeia]» de Fernando Pessoa 8. «[Floriram por engano as rosas bravas]» de Camilo Pessanha 9. «Quasi» de Mário de Sá-Carneiro 10. «E tudo era possível» de Rui Belo 11. «Algumas proposições com pássaros e árvores que o poeta remata com uma referência ao coração» de Rui Belo 12. «Uma pequena luz» de Jorge de Sena 13. «Vilancete castelhano de Gil Vicente» de Carlos de Oliveira 14. «Contas» de Nuno Júdice 15. [Aquele nuvem] de José Gomes Ferreira 16. «Receita de Ano Novo» de Carlos Drummond de Andrade	Leitura expressiva de poemas Compreensão de leitura de poemas diversos	Questionários de resposta aberta e de resposta fechada (escolha múltipla e verdadeiro/falso) Teste de verificação de conhecimentos (Manual, págs. 258-259) 20 AULA DIGITAL Teste interativo Poesia lírica

3.º PERÍODO				
Domínios	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
Escrita	<u>Planificar a escrita de textos.</u> - Consolidar os procedimentos de planificação de texto já adquiridos.	Escrever para fruição estética	• Atividade de escrita de um poema (Manual, pág. 234)	Poemas recriados (LPP, págs. 33-34)
	<u>Redigir textos com coerência e correção linguística.</u> - Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto.	Escrever um poema de forma lúdica	• Atividade de escrita de um poema (Manual, pág. 236)	
	<u>Escrever textos expositivos.</u> - Escrever textos expositivos sobre questões objetivas propostas pelo professor.	Escrever um poema de forma lúdica	• Atividade de escrita de um poema (Manual, pág. 241)	
	<u>Escrever textos argumentativos.</u> - Escrever textos argumentativos com a tomada de uma posição; a apresentação de razões que a justifiquem, com argumentos que diminuam a força das ideias contrárias; e uma conclusão coerente. - Escrever textos de argumentação contrária a outros propostos pelo professor.	Escrever um comentário pessoal	• Comentário (Manual, pág. 246)	
	<u>Escrever textos diversos</u> - Escrever comentários subordinados a tópicos fornecidos.	Reescrever um poema	• Reescrita de poema (Manual, pág. 247)	
		Escrever um comentário crítico	• Comentário (Manual, pág. 248)	

Domínios	Gramática	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Processos e instrumentos de avaliação
		Conhecer classes de palavras. - Integrar as palavras nas classes a que pertencem. Explicitar aspetos fundamentais da sintaxe do português. - Sistematizar as regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal em todas as situações. - Consolidar o conhecimento de todas as funções sintáticas. - Identificar orações substantivas relativas. - Dividir e classificar orações.	Classes de palavras (consolidação) Funções sintáticas (consolidação) Coordenação e subordinação (consolidação)	• Atividades (Manual, págs. 236, 243, 245, 249, 251, 253, 255) • Sistematizações (Manual, Anexo informativo, págs. 267, 274, 277-278, 279, 280) • Fichas (Caderno de Atividades, págs. 11-28, 39-48, 51, 53-58) • Animações 20 AULA DIGITAL Gramáticas: - Recursos expressivos - Discurso direto e discurso indireto - Funções sintáticas - Tipos de sujeito: subentendido e indeterminado - Variedades do português: português europeu e português do Brasil	Exercícios de tipologia variada. Questões abertas e fechadas (perguntas de associação, de completamento de frases, de resposta escolha múltipla e de verdadeiro/falso) Teste de verificação de conhecimentos (Manual, págs. 258-259) 20 AULA DIGITAL Teste interativo Poesia lírica

Materiais de apoio ao desenvolvimento das atividades

9.º ano



Escrever um texto expositivo

Autoavaliação

Aspetos a avaliar	Sim	Não
Planifiquei o meu texto.		
Utilizei a planificação durante a textualização.		
Dividi o meu texto em três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão).		
Na introdução , apresentei a figura central do meu texto, num parágrafo.		
No desenvolvimento , apresentei os elementos biográficos mais relevantes da figura central do meu texto, em três parágrafos.		
Confirmei as minhas afirmações com exemplos.		
Na conclusão , terminei o meu texto com uma breve referência à importância desta figura, num parágrafo.		
Ao longo do texto, utilizei:		
1) frases declarativas;		
2) conectores apropriados para:		
a) organizar informação;		
b) iniciar a conclusão.		
Revi a pontuação para verificar casos de acrescentamento ou de supressão.		
Verifiquei se havia palavras repetidas que pudessem ser substituídas por outras.		
Detetei informação (palavras, expressões ou frases) que pudesse ser deslocada para outro lugar do texto, melhorando-o.		

Escrever para contra-argumentar

Autoavaliação		
Aspetos a avaliar	Sim	Não
Planifiquei o meu texto.		
Utilizei a planificação durante a textualização.		
Dividi o meu texto em três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão).		
Na introdução , apresentei a minha tese sobre Brísida Vaz, com base no que dela se diz no <i>Auto da Barca do Inferno</i> , num parágrafo.		
No desenvolvimento , apresentei três argumentos em defesa da tese que apresentei utilizando, pelo menos, três parágrafos.		
Comprovei cada um dos argumentos apresentados com, pelo menos, um exemplo.		
Na conclusão , terminei o meu texto reafirmando a minha tese inicial, num parágrafo.		
Ao longo do texto, utilizei conectores apropriados para:		
a) adicionar informação;		
b) contrapor informação;		
c) justificar;		
d) concluir.		
Revi a pontuação para verificar casos de acrescentamento ou de supressão.		
Verifiquei se havia palavras repetidas que pudessem ser substituídas por outras.		
Detetei informação (palavras, expressões ou frases) que pudesse ser deslocada para outro lugar do texto, melhorando-o.		

Texto argumentativo

Autoavaliação		
Aspetos a avaliar	Sim	Não
Planifiquei o meu texto.		
Utilizei a planificação durante a textualização.		
Dividi o meu texto em três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão).		
Na introdução , apresentei a minha tese sobre a atualidade do <i>Auto da Barca do Inferno</i> , exemplificando com duas personagens-tipo (um parágrafo).		
No desenvolvimento , apresentei as duas personagens usando dois argumentos para cada uma em defesa da sua atualidade (dois parágrafos).		
Comprovei cada um dos argumentos apresentados com, pelo menos, um exemplo cada.		
Na conclusão , terminei o meu texto reafirmando a minha tese inicial (um parágrafo).		
Ao longo do texto, utilizei conectores apropriados para:		
a) estruturar informação;		
b) adicionar informação;		
c) argumentar;		
d) exemplificar;		
e) concluir.		
Revi a pontuação para verificar casos de acrescentamento ou de supressão.		
Verifiquei se havia palavras repetidas que pudessem ser substituídas por outras.		
Detetei informação (palavras, expressões ou frases) que pudesse ser deslocada para outro lugar do texto, melhorando-o.		

Escrever um texto expositivo

Autoavaliação		
Aspetos a avaliar	Sim	Não
Planifiquei o meu texto.		
Utilizei a planificação durante a textualização.		
Dividi o meu texto em três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão).		
Na introdução , apresentei a figura central do meu texto, num parágrafo.		
No desenvolvimento , apresentei os elementos biográficos mais relevantes da figura central do meu texto, em três parágrafos.		
Confirmei as minhas afirmações com exemplos.		
Na conclusão , terminei o meu texto com uma breve referência à importância desta figura, num parágrafo.		
Ao longo do texto, utilizei:		
1) frases declarativas;		
2) conectores apropriados para:		
a) organizar informação;		
b) iniciar a conclusão.		
Revi a pontuação para verificar casos de acrescentamento ou de supressão.		
Verifiquei se havia palavras repetidas que pudessem ser substituídas por outras.		
Detetei informação (palavras, expressões ou frases) que pudesse ser deslocada para outro lugar do texto, melhorando-o.		

Escrever para argumentar contra uma tese

Autoavaliação		
Aspetos a avaliar	Sim	Não
Planifiquei o meu texto.		
Utilizei a planificação durante a textualização.		
Dividi o meu texto em três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão).		
Na introdução , apresentei uma tese contrária à ai existente.		
No desenvolvimento , apresentei três argumentos em defesa da tese que apresentei utilizando, pelo menos, três parágrafos.		
Comprovei os argumentos apresentados com, pelo menos, um exemplo cada.		
Na conclusão , terminei o meu texto reafirmando a minha tese inicial, num parágrafo.		
Ao longo do texto, utilizei conectores apropriados para:		
a) adicionar informação;		
b) contrapor informação;		
c) justificar;		
d) concluir.		
Revi a pontuação para verificar casos de acrescentamento ou de supressão.		
Verifiquei se havia palavras repetidas que pudessem ser substituídas por outras.		
Detetei informação (palavras, expressões ou frases) que pudessem ser deslocadas vantajosamente para outro lugar do texto.		

Texto 1 | «Mar Português» de Fernando Pessoa



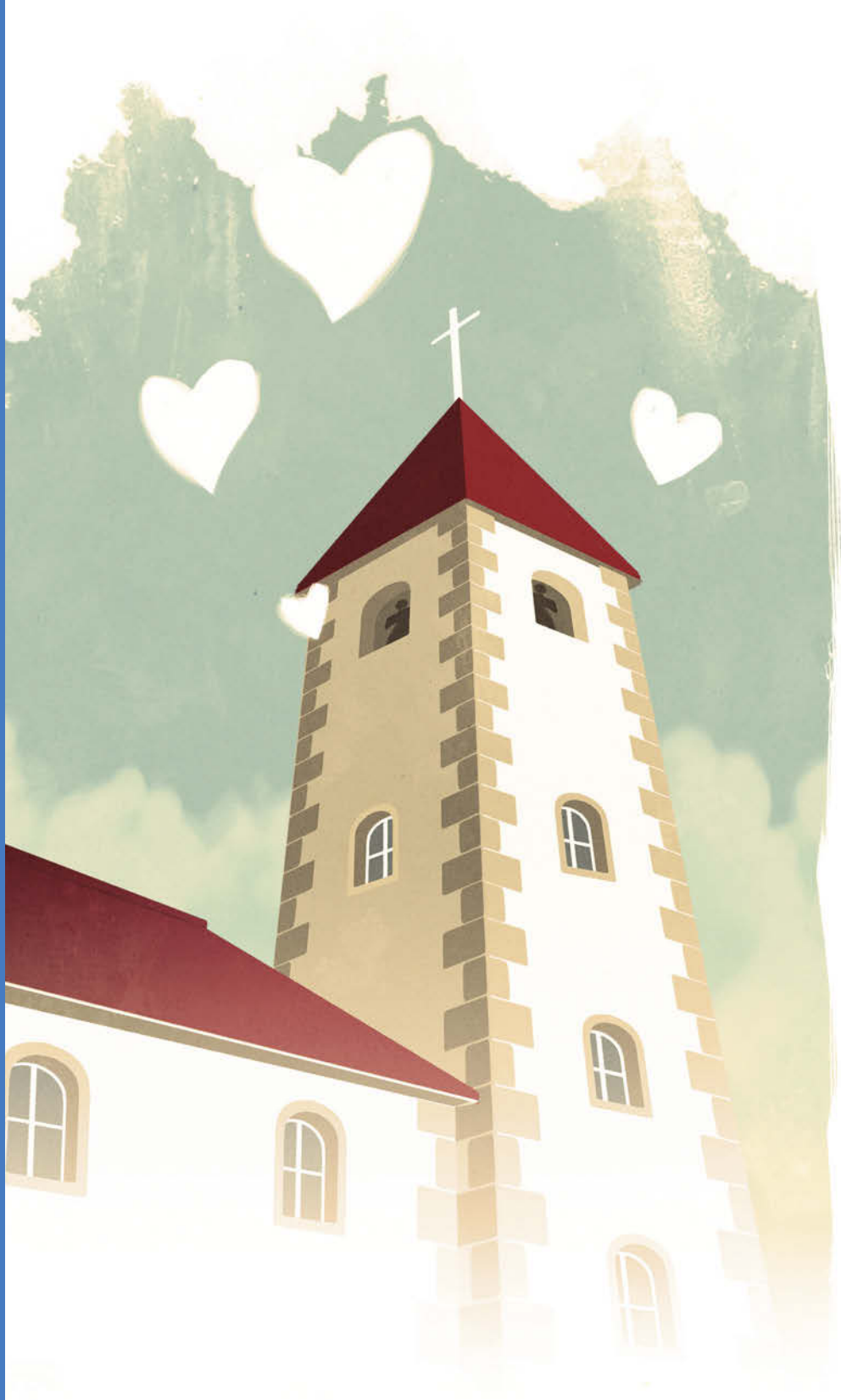
Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Disse o Mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Disse o Mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso.

Três vezes rodou imundo e grosso
Quantas noivas ficaram por casar
Quantas mães choraram
Quantos filhos em vão rezaram!
Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Os autores

Textos 6 e 7 | [Se estou só, quero não estar];
[Ó sino da minha aldeia] de Fernando Pessoa



Ó sino da minha aldeia,
Se estou só, não quero estar,
É tão lento o teu soar
Ó sino da minha aldeia
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma

Se estou só, não quero estar
A cada pancada tua
Enfim, quero sempre estar
Tão como triste da vida

Ó sino da minha aldeia
A gente faz o que quer
Daquilo que não é nada

Ó sino da minha aldeia
Fica perdido na estrada

Os autores

Falar para comentar opiniões

Grelha 1

Heteroavaliação										
Aspetos verbais a avaliar	1ª apresentação					2ª apresentação				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Planificou a apresentação.										
Dividiu a apresentação em três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão).										
Na introdução , apresentou pelo menos três argumentos a favor da sua posição.										
No desenvolvimento , apoiou os argumentos com exemplos pertinentes.										
Na conclusão , terminou a apresentação reafirmando a posição apresentada na introdução.										
Ao longo da apresentação, utilizou:										
1. conectores apropriados para:										
a) organizar informação;										
b) justificar opiniões.										
c) iniciar a conclusão.										

Aspetos não verbais a avaliar	1ª apresentação					2ª apresentação				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Utilizou um tom de voz audível e variado.										
Utilizou gestos adequados e linguagem corporal apropriada à situação.										
Mostrou assertividade, dirigindo o olhar a todo o auditório.										
Evitou pausas e bordões ou palavras parasitas que perturbassem a fluidez do discurso.										

Falar para comentar opiniões

Grelha 2

Heteroavaliação										
Aspetos verbais a avaliar	1ª apresentação					2ª apresentação				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Planificou a apresentação.										
Dividiu a apresentação em três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão).										
Na introdução , apresentou com clareza a sua posição relativamente à afirmação.										
No desenvolvimento , apresentou pelo menos três argumentos a favor da sua posição.										
Apoiou os argumentos com exemplos pertinentes.										
Na conclusão , terminou a apresentação reafirmando a posição apresentada na introdução.										
Ao longo da apresentação, utilizou:										
1. conectores apropriados para:										
a) organizar informação;										
b) justificar opiniões.										
2) Utilizou conectores adequados para iniciar a conclusão.										

Aspetos não verbais a avaliar	1ª apresentação					2ª apresentação				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Utilizou um tom de voz audível e variado.										
Utilizou gestos adequados e linguagem corporal apropriada à situação.										
Mostrou assertividade, dirigindo o olhar a todo o auditório.										
Evitou pausas e bordões ou palavras parasitas que perturbassem a fluidez do discurso.										
Respeitou os limites de tempo (3 a 5 minutos).										

Falar para argumentar

Heteroavaliação										
Aspetos a avaliar	1ª apresentação					2ª apresentação				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Planificou a apresentação.										
Dividiu a apresentação em três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão).										
Na introdução , apresentou pelo menos três áreas concretas em que existem injustiças no mundo.										
No desenvolvimento , apresentou pelo menos três argumentos em defesa da posição assumida.										
Comprovou os argumentos apresentados com exemplos.										
Iniciou a conclusão , reafirmando a posição apresentada na introdução e terminando com uma mensagem de esperança.										
Ao longo da apresentação, utilizou:										
1. marcadores discursivos para:										
a) organizar/sequencializar informação;										
b) exemplificar.										
2) Utilizou conectores para iniciar a conclusão.										

Aspetos não verbais a avaliar	1ª apresentação					2ª apresentação				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Utilizou um tom de voz audível e variado.										
Utilizou gestos adequados e linguagem corporal apropriada à situação.										
Mostrou assertividade, dirigindo o olhar a todo o auditório.										
Evitou pausas e bordões ou palavras parasitas que perturbassem a fluidez do discurso.										
Respeitou os limites de tempo (3 a 5 minutos).										

Falar para expor acontecimentos

Heteroavaliação										
Aspetos verbais a avaliar	1ª apresentação					2ª apresentação				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Planificou a exposição.										
Dividiu a apresentação em três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão).										
Na introdução , apresentou a figura central da sua exposição, num parágrafo.										
No desenvolvimento , apresentou os elementos biográficos mais relevantes da figura central escolhida, em três parágrafos.										
Confirmou as afirmações com exemplos significativos.										
Na conclusão , terminou a apresentação com uma breve referência à importância desta figura, num parágrafo.										
Ao longo da apresentação, utilizou:										
1) frases declarativas;										
2) conectores apropriados para:										
a) organizar informação;										
b) iniciar a conclusão.										

Aspetos não verbais a avaliar	1ª apresentação					2ª apresentação				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Utilizou um tom de voz audível e variado.										
Utilizou gestos adequados e linguagem corporal apropriada à situação.										
Mostrou assertividade, dirigindo o olhar a todo o auditório.										
Evitou pausas e bordões ou palavras parasitas que perturbassem a fluidez do discurso.										
Respeitou os limites de tempo (3 a 5 minutos).										

Sequência 4, p. 224

Canto IX | A Ilha dos Amores II
A Aventura de *Lionardo*

Oralidade

Debate

Falar para argumentar e contra-argumentar

Heteroavaliação		
Aspetos verbais	Sim	Não
1. Iniciou argumentos e justificação de opiniões pessoais utilizando conjunções e locuções conjuncionais causais, tais como <i>porque, visto que, já que...</i>		
2. Utilizou expressões próprias para exprimir opiniões, tais como <i>acho que, na minha opinião, penso que, etc.</i>		
3. Usou palavras e expressões, como <i>talvez, é provável que, é possível que</i> , para exprimir a dúvida.		
4. Usou palavras e expressões apropriadas para contrapor opiniões e argumentos (contra-argumentos) de natureza adversativa – tais como <i>mas, porém, todavia, contudo, no entanto;</i> e concessiva como <i>embora, apesar de...</i>		
5. Utilizou expressões apropriadas para reformular e explicitar posições, tais como <i>isto é, quero dizer, ou seja...</i>		
6. Usou palavras ou expressões adequadas para admitir e aceitar opiniões contrárias, tais como <i>posso admitir que, aceito que, concedo....</i>		

Aspetos não verbais	Sim	Não
1. Pediu a palavra levantando o braço.		
2. Foi breve e objetivo.		
3. Não interrompeu os colegas.		
4. Usou um tom de voz educado.		
5. Solicitou educadamente a justificação ou a explicação de uma opinião.		

COMPREENSÃO

Vídeo: “Dicas de *surf*”

1.ª audição

1. Responde com verdadeiro (V) ou falso (F):

1.1 A aula decorre fora e dentro de água.	
1.2 Um bom fato de <i>surf</i> deve ser comprado num hipermercado e pode ser em segunda mão.	
1.3 Em geral, os surfistas usam um fato de 4 mm no verão e de 3 mm no inverno.	
1.4 Para um iniciado no <i>surf</i> , a prancha deve ser grande, redonda e estável.	
1.5 O surfista iniciado deve raspar a prancha para evitar que o pé escorregue.	
1.6 Para aprender rapidamente a surfar é necessário saber remar.	
1.7 A surfista Joana Rocha ensina a remar e a saltar com a prancha dentro de água.	
1.8 Os surfistas podem pôr-se em pé na prancha de duas maneiras.	
1.9 O <i>chop</i> deve colocar-se indiferentemente num dos pés.	
1.10 Um surfista iniciado já deve escolher uma praia com ondas grandes.	

2.ª audição

2.

2.1 O discurso da instrutora de *surf* destina-se a

- ☐ A. fazer uma narrativa.
- ☐ B. prestar informações.
- ☐ C. dar instruções.
- ☐ D. fazer uma crítica.

2.2 Ao utilizar a oração coordenada copulativa «e comesas a remar», a instrutora de *surf* pretende

- ☐ A. acrescentar uma instrução a outra.
- ☐ B. estabelecer uma causa entre as duas instruções.
- ☐ C. apresentar uma alternativa.

2.3 Ao utilizar a expressão «ou com o pé esquerdo à frente ou com o direito», a instrutora pretende indicar ao jovem aprendiz de *surf*

- ☐ A. uma consequência.
- ☐ B. uma alternativa.
- ☐ C. um contraste.

Texto 3 | À procura da onda perfeita

2.4 Ao utilizar a oração subordinada adverbial condicional «Se colocares o pé esquerdo à frente, então és regular», a instrutora pretende

- ☐ **A.** estabelecer uma possibilidade.
☐ **B.** estabelecer uma causa.
☐ **C.** iniciar uma explicação.

2.5 Na parte destacada da frase «Vai sempre acompanhado para dentro da água **para te sentires seguro**», a instrutora pretendeu indicar

- ☐ **A.** uma explicação.
☐ **B.** uma possibilidade.
☐ **C.** um fim ou objetivo.

3. Ordena a sequência correta do conjunto de instruções da «aula de *surf*»:

	Aprender a remar.
	Escolher uma barra de leque para raspar a prancha.
	Aprender a pôr-se em pé na prancha num só salto.
	Escolher uma prancha e um fato adequado.
	Escolher as ondas adequadas.
	Colocar o <i>chop</i> no pé recuado.

4. Faz um breve resumo escrito do assunto deste vídeo (mínimo de 30 e máximo de 70 palavras).

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Texto 7 | «A consequência dos semáforos»
de António Lobo Antunes

COMPREENSÃO

Vídeo: “Aparatoso acidente de trânsito no Porto”

1.ª audição

1. Responde com verdadeiro (V) ou falso (F):

1.1 O acidente ocorreu durante a madrugada na cidade do Porto.	
1.2 Os condutores das viaturas envolvidas no acidente não respeitaram o sinal vermelho.	
1.3 A chuva que caía não dificultou a tarefa dos bombeiros de retirar os feridos do interior das viaturas.	
1.4 As viaturas sinistradas circulavam ambas na mesma rua, mas em sentidos opostos.	
1.5 O agente da autoridade supõe que a causa do acidente tenha estado numa desobediência ao sinal luminoso.	
1.6 Depois do embate, uma das viaturas rodopiou, arrancou sinais de trânsito e destruiu barreiras.	
1.7 O bombeiro tem a certeza de que um dos feridos está em estado grave.	
1.8 O acidente foi aparatoso mas não trágico, porque não houve mortes a lamentar.	
1.9 Do acidente resultaram três feridos, dos quais dois inspiravam mais cuidados.	
1.10 Acorreram ao acidente duas corporações de bombeiros, a PSP e o INEM.	

2.ª audição

2.

2.1 Ao iniciar a sua intervenção por «uma vez que...», o agente de autoridade pretende indicar

- ☐ A. a causa do acidente.
- ☐ B. as consequências do acidente.
- ☐ C. a hipótese de acontecer um acidente.

2.2 Corrige o erro de impropriedade lexical na frase «os semáforos circulavam em perfeita normalidade».

2.3 Ao dizer que «A carrinha só parou de rodopiar **quando se entalou entre um autocarro e a parede**», a oração destacada indica

- ☐ A. o tempo que a carrinha demorou a parar.
- ☐ B. a causa que levou a carrinha a rodopiar.
- ☐ C. a consequência do rodopio da carrinha.

Sequência 2, p. 85

Oralidade

Texto 7 | «A consequência dos semáforos»
de Antônio Lobo Antunes

2.4 Ao dizer que «apesar do aparato, o balanço não é trágico», o locutor

- ☐ **A.** admite que o aparato do acidente suporia um resultado trágico.
- ☐ **B.** admite que o acidente só não foi trágico devido ao aparato em que ocorreu.
- ☐ **C.** reforça o caráter trágico deste acidente.

2.5 Corrige o erro de concordância presente na frase: «Daqui resultou três feridos».

.....

3. Faz um breve resumo escrito do assunto deste vídeo (mínimo de 30 e máximo de 70 palavras).

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

COMPREENSÃO

Vídeo: “O Diabo explicado”

1.ª audição

1. Responde com verdadeiro (V) ou falso (F):

1.1 Este vídeo trata de uma conferência sobre o simbolismo do Diabo nas festas de inverno em Trás-os-Montes.	
1.2 Para tratar este tema, a autora da conferência baseou-se nas obras de Gil Vicente.	
1.3 Segundo a conferencista, os textos de Gil Vicente são muito pertinentes, mas perderam atualidade, porque são do século XVI.	
1.4 Ao denunciar e ao apontar os erros, o Diabo cumpre uma função equilibradora da sociedade.	
1.5 O Diabo exemplifica a máxima latina de que Gil Vicente se serve para criticar os costumes do século XVI, e que é <i>Ridendo castigat mores</i> .	
1.6 Os diabos da cultura tradicional transmontana são essencialmente diabos violentos que raptam as raparigas.	
1.7 Os diabos da cultura tradicional transmontana são folgazões e tentadores, isto é, seduzem e raptam raparigas.	
1.8 Para além destas características, os diabos presentes na cultura tradicional transmontana dão voz às maledicências que correm de boca em boca.	
1.9 A atualidade da obra vicentina faz com que todos nós tenhamos a aprender com os ensinamentos do diabo.	
1.10 Os ensinamentos do diabo pouco proveito nos trariam e, em especial, à nossa classe política.	

2.ª audição

2. Procede a uma segunda audição do vídeo.

2.1 No início, o locutor usa a locução coordenativa copulativa «não só... como também» para

- ☐ A. acrescentar/adicionar uma informação a outra.
- ☐ B. contrastar uma informação.
- ☐ C. iniciar uma explicação.

2.2 Na frase «... está absolutamente atual», o advérbio utilizado possui valor de

- ☐ A. quantidade e grau, equivalente a «muito».
- ☐ B. modo.
- ☐ C. afirmação.

Sequência 3, p. 110

CENA II | O Fidalgo Dom Anrique

Oralidade

2.3 Ao utilizar a oração subordinada adverbial final destacada «**para fazer este texto** voltei a visitar toda a obra dele [Gil Vicente]», a conferencista indicou

- ☐ **A.** o tempo que levou a estudar a obra.
- ☐ **B.** a consequência da leitura da obra vicentina.
- ☐ **C.** a finalidade ou o objetivo da leitura da obra vicentina.

2.4 Na frase «estava a ler estes textos, **que são tão atuais...**», a conferencista pretende, com a expressão destacada, introduzir

- ☐ **A.** uma explicação.
- ☐ **B.** uma condição.
- ☐ **C.** uma consequência.

2.5 Na frase «na obra de Gil Vicente, o Diabo assume diversos papéis», o locutor chama a atenção para a

- ☐ **A.** quantidade de papéis desempenhados pelo Diabo.
- ☐ **B.** a diversidade ou variedade de papéis desempenhados pelo Diabo.
- ☐ **C.** a qualidade dos papéis desempenhados pelo Diabo.

3. Faz um breve resumo escrito do assunto deste vídeo (mínimo de 30 e máximo de 70 palavras).

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

COMPREENSÃO

Link Internet (vídeo): “Circum-navegação do navio-escola *Sagres*”

1.ª audição

1. Responde com verdadeiro (V) ou falso (F):

1.1 O <i>Sagres</i> é muito trabalhoso porque é um navio-escola onde há muitas tarefas a realizar.	
1.2 A viagem de circum-navegação do <i>Sagres</i> vai demorar cerca de onze meses.	
1.3 Esta é a segunda viagem de circum-navegação que o veleiro <i>Sagres</i> faz em redor do mundo.	
1.4 Esta viagem vai custar cerca de 5 milhões de euros divididos em partes iguais pela marinha e por empresas portuguesas.	
1.5 Esta viagem insere-se na chamada diplomacia económica, uma vez que promove os produtos e serviços portugueses no estrangeiro.	
1.6 Ao longo desta viagem, o veleiro <i>Sagres</i> participará em duas comemorações, uma em Díli e outra em Singapura.	
1.7 O reabastecimento do <i>Sagres</i> faz-se apenas em alguns portos – aqueles onde o navio participa em comemorações.	
1.8 Os mares agitados e a pirataria no Golfo de Áden são dois dos maiores obstáculos que o <i>Sagres</i> poderá ter de enfrentar.	
1.9 O navio está preparado para enfrentar os piratas porque está equipado com 150 marinheiros e uma equipa de fuzileiros.	
1.10 Durante esta viagem o <i>Sagres</i> efetuará 27 paragens, estando o regresso a Portugal previsto para a véspera do dia 24 de dezembro.	

2.ª audição

2.

2.1 Na frase «... esfrega para que tudo esteja a brilhar», ao utilizar a locução subordinativa «para que», o locutor pretende expressar

- ☐ A. um objetivo.
- ☐ B. uma causa.
- ☐ C. uma hipótese.

Sequência 4, p. 194

Canto IV | Despedidas de Belém

Oralidade

2.2 Ao usar as expressões «viagem muito trabalhosa», «navio muito trabalhoso» e «paga muito em prazer», o comandante pretende expressar

- ☐ **A.** a intensidade e o modo.
- ☐ **B.** a quantidade e o modo.
- ☐ **C.** a quantidade e a intensidade.

2.3 Ao utilizar o conector «por outro lado» na frase «por outro lado, este navio paga muito em prazer», o comandante pretende

- ☐ **A.** apresentar um argumento contrário ao anteriormente enunciado.
- ☐ **B.** adicionar um argumento aos anteriormente apresentados.
- ☐ **C.** estabelecer uma relação de causa entre este e o argumento anterior.

2.4 Na frase «Em finais de fevereiro, arranca um conjunto de participações em regatas», o verbo «arrancar» tem o significado de

- ☐ **A.** iniciar, começar.
- ☐ **B.** arrebatrar, extrair pela força.
- ☐ **C.** desenraizar.

2.5 Na frase «[Os piratas] teriam de dar de comer a 150 reféns», o comandante do navio pretende expressar

- ☐ **A.** uma forte possibilidade de esse facto acontecer.
- ☐ **B.** uma hipótese muito provável.
- ☐ **C.** uma possibilidade muito remota de esse facto vir a ocorrer.

3. Faz um breve resumo escrito do assunto deste vídeo (mínimo de 30 e máximo de 70 palavras).

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Texto 16 | «Receita de Ano Novo»
de Carlos Drummond de Andrade

COMPREENSÃO

Áudio: «Receita de Ano Novo», poema de Carlos Drummond de Andrade

1.ª audição

I

1. Selecciona a única resposta incorreta.

1.1 Para o enunciador, o ano novo pode ter

- ☐ A. a cor do arco-íris.
- ☐ B. da cor da sua paz.
- ☐ C. as cores do ano velho.

2. Selecciona as três respostas corretas.

2.1 Para ganhar um ano novo, não é preciso

- ☐ A. beber champanhe.
- ☐ B. expedir nem receber mensagens.
- ☐ C. fazer uma lista de boas intenções.
- ☐ D. enviar um telegrama a uma planta.

3. Selecciona a única resposta correta.

3.1 Para ganhar um ano novo, é necessário

- ☐ A. acreditar que a partir de janeiro as coisas vão mudar.
- ☐ B. acreditar que a partir de janeiro haverá justiça entre os homens e as nações.
- ☐ C. merecê-lo.

4. Selecciona as duas respostas corretas.

4.1 Como fazer um ano novo não é fácil, o enunciador aconselha o leitor a

- ☐ A. sonhar com um.
- ☐ B. tentar fazer um.
- ☐ C. experimentar fazer um.

5. Selecciona a única resposta correta.

5.1 De acordo com o enunciador, o ano novo encontra-se:

- ☐ A. adormecido no íntimo do leitor.
- ☐ B. acordado no início de janeiro.
- ☐ C. imaginado nos sonhos de cada um de nós.

Sequência 5, p. 256

Texto 16 | «Receita de Ano Novo»
de Carlos Drummond de Andrade

Oralidade

2.^a audição

II

1. O processo fonológico que se verifica na passagem da palavra paz para <paiz> é a

- ☐ A. síncope.
☐ B. aférese.
☐ C. epêntese.

2. As palavras da variedade brasileira «champanha», «birita», «besteira» e «cochilar» são exemplos de diferenças

- ☐ A. morfológicas.
☐ B. lexicais.
☐ C. sintáticas.

3. A frase «Não precisa fazer lista de boas intenções» é um exemplo de diferença

- ☐ A. morfológica.
☐ B. sintática.
☐ C. lexical.

4. Com a frase destacada «**Para ganhar um ano novo** (...) você, meu caro, tem de merecê-lo» o poeta pretende indicar

- ☐ A. um objetivo, uma finalidade.
☐ B. uma condição.
☐ C. uma causa.

5. Com o modificador de nome restritivo destacado «um ano novo **que mereça este nome**» pretende-se

- ☐ A. introduzir uma explicação relativa ao nome que modifica.
☐ B. restringir ou limitar o seu significado ao nome que modifica.
☐ C. indicar uma causa.

III

1. Preenche o quadro com as palavras ou expressões equivalentes no português europeu.

Variedade brasileira do português	Variedade europeia do português
1.1 «Não precisa expedir nem receber mensagens»	
1.2 «birita»	
1.3 «besteiras»	
1.4 «cochilar»	

Testes de avaliação

modelo GAVE

9.º ano

Teste 1

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

ALEXANDER SELKIRK: O MONARCA DAS ILHAS JUAN FERNÁNDEZ

- Estamos no primeiro dia de fevereiro de 1709. Dois pequenos navios corsários¹ britâ-
- nicos aproximam-se cautelosamente da ilha Más a Tierra, no arquipélago de Juan Fernán-
- dez, uma nesga de terra desabitada a quatrocentas milhas da costa do Chile, temerosos
- ante a possibilidade de encontrarem vasos de guerra espanhóis nas cercanias. Violenta-
5 mente fustigados por tempestades ao dobrarem o cabo Horn, ambos os navios têm as
- tripulações doentes de escorbuto² e exaustas de fadiga, incapazes de combater uma força
- naval inimiga, por mais diminuta que seja. Por isso, penetram com mil cuidados no inte-
- rior de uma baía e aí lançam âncora. Nessa noite, observam uma fogueira de sinalização
- na ilha, a cintilar intensamente nas trevas. Woodes Rogers, o comandante da expedição,
10 pressupõe o pior e prepara-se para um combate de que duvida poder sair vencedor.

- Na manhã seguinte, porém, a flotilha britânica não avista nenhum outro navio. Ao
- meio-dia, um grupo de marinheiros fortemente armado desembarca na ilha e, algumas
- horas depois, regressa com uma descoberta extraordinária – um homem meio britânico,
- meio selvagem. O capitão Rogers e a tripulação do navio olham estarecidos o naufrago
15 de longas barbas que acaba de saltar para bordo, de gorro, calças e casaco, tudo tosca-
- mente confeccionado com peles de cabra.

- «Parecia mais selvagem do que os anteriores proprietários das ditas peles», relata Ro-
- gers no seu diário, no próprio dia. «Da primeira vez que subiu a bordo, estava de tal forma
- esquecido da sua língua materna que mal o conseguíamos entender, pois dir-se-ia que
20 devorava metade das palavras.»

- Aquele homem bravo, vestido com peles de animais, era Alexander Selkirk. De re-
- gresso a Londres, iria desfrutar de um breve período de fama, antes de mergulhar de novo
- nas brumas da História. Porém, havia de encontrar a imortalidade sob um outro nome,
- Robinson Crusoe, Príncipe dos Naufragos. É que a extraordinária sobrevivência de
25 Selkirk ao longo de quatro anos e quatro meses na ilha de Más a Tierra serviu de modelo
- para a maior criação literária de Daniel Defoe, inspirando um dos mitos fundadores da
- civilização ocidental.

Simmons, James C., *Naufragos no paraíso*, Lisboa, Antígona, 2007

Vocabulário

¹ navios corsários – navios piratas; ² escorbuto – terrível doença que atacava os marinheiros

Textos não literários
Sequência 1

1. As afirmações apresentadas de (A) a (E) baseiam-se em informações que constam deste texto. Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem pela qual essas informações aparecem no texto. Começa a sequência pela letra (C).
 - (A) Constatam que provavelmente estavam enganados nas suas suposições.
 - (B) Deste facto resultou, mais tarde, uma extraordinária obra literária.
 - (C) Um pequeno grupo de navios com a tripulação arrasada pela doença e pelo cansaço refugia-se numa baía de uma ilha.
 - (D) Contudo, fazem uma descoberta extraordinária.
 - (E) Observam sinais que atribuem a uma presença inimiga.

2. Selecciona, para responderes a cada item (2.1 e 2.2), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção correta.
 - 2.1 Pela leitura do texto, pode afirmar-se que a flotilha inglesa entrou com muito cuidado na baía onde lançou a âncora
 - (A) pois desconhecia a região e não sabia se encontraria inimigos.
 - (B) porque a tripulação estava cansada e não queria lutar contra possíveis inimigos.
 - (C) porque a tripulação estava doente e não tinha forças para lutar contra eventuais inimigos.
 - (D) pois as condições dos navios e o estado físico dos marinheiros não aconselhavam uma luta.

 - 2.2 A parte destacada do segmento textual «Da primeira vez que subiu a bordo, estava de tal forma esquecido da sua língua materna **que mal o conseguíamos entender, pois dir-se-ia que devorava metade das palavras.**» (linhas 18-20) exprime sucessivamente duas ideias, a saber
 - (A) consequência e explicação.
 - (B) causa e consequência.
 - (C) explicação e oposição.
 - (D) consequência e conclusão.

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

CARREIRA DA ÍNDIA – OS NAUFRÁGIOS

- [Perante tantos naufrágios e tantas mortes na carreira da Índia] apetece interrogar-
- mo-nos sobre se valeria a pena continuar a correr riscos tão grandes, e quais deveriam
- ser os ganhos que Portugal obtinha nesse comércio, para compensar os armadores dos
- perigos inerentes à sua atividade e dos prejuízos causados pelos naufrágios. A resposta
- 5 é-nos fornecida mais uma vez por Messer Lunardo de Ca'Masser. Do relatório que envia
- à República Véneta extraímos a envergadura dos ganhos obtidos com as viagens efetua-
- das pelo caminho das especiarias:

- *Não obstante esta viagem ser muito perigosa e se sofrer grandemente da falta de mantimen-*
- *tos, e outros sinistros, como se entende, e por muitos tenha sido referido (...), admitindo que se*
- 10 *perdesse metade de uma frota, não se evitaria por isso em prosseguir essa viagem, porque salvan-*
- *do-se a menor parte de uma frota, se recupera o dano perdido, e se fica com grande ganho. (...).*

- Perante a perspectiva de lucros tão abundantes, nenhum perigo, nenhuma incerteza,
- nenhum sentido de prudência podiam ser capazes de pôr um freio¹ à avidez dos gover-
- nantes e às ambições dos mercadores e dos marinheiros. (...).

- 15 Será precisamente a cobiça e o consequente descuido das mais elementares regras da
- marinharia² a provocar os naufrágios.

- O ponto crítico **da** rota **para** a Índia era constituído pelo **dobrar** do cabo da Boa Espe-
- rança, sobretudo durante a viagem de volta, ou seja, **quando** os navios, **excessivamente**
- carregados para além de todos os limites de segurança, não estavam em condições de **en-**
- 20 **frentar** as fúrias do mar em tempestade: **foi**, de facto, na costa do Natal, onde as embar-
- cações eram repelidas pelos ventos do cabo, que se verificou grande parte dos naufrágios
- de que **nos** chegou testemunho através dos relatos **contemporâneos**.

Lanciani, Giulia, *Sucessos e naufrágios das naus portuguesas*, Lisboa, Caminho, 1997

Vocabulário

¹ freio – travão

² marinharia – arte de navegar

3. A autora apresenta no início do texto determinadas perguntas.

3.1 Explicita-as e justifica-as.

4. O embaixador de Veneza em Portugal dá uma resposta a essas perguntas.

Indica-a, referindo obrigatoriamente o argumento que ele apresenta nessa resposta.

5. Explica a relação entre a «avidez» e as «ambições» referidas no texto (linhas 13 e 14) e a ocorrência frequente de naufrágios na região «do Natal», linha 20.

Parte C

Escreve um texto, com um mínimo de 70 palavras e um máximo de 120, no qual comentes a seguinte afirmação:

*O ser humano é por natureza insatisfeito, nunca está contente com o que tem;
frequentemente paga um preço alto por isso.*

Apresenta uma opinião fundamentada, concordando ou discordando, total ou parcialmente.

O teu texto deve ter uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

GRUPO II

- Atenta no último parágrafo do texto «Carreira da Índia – os naufrágios» e indica a que classes se referem as palavras nele destacadas.
- Faz corresponder ambas as colunas de modo a obteres afirmações verdadeiras:

A	B
2.1 A função sintática da expressão destacada na frase <i>Aquele navio parece de guerra</i> é de	(A) modificador [de GV].
2.2 A função sintática da palavra destacada na frase <i>Os marinheiros viram-te ontem</i> é de	(B) predicativo do sujeito.
2.3 O sujeito da segunda forma verbal presente na frase <i>Eles viram o navio e disseram que era mesmo de guerra</i> é	(C) complemento agente da passiva.
2.4 A função sintática da expressão destacada na frase <i>Os navios fundearam aqui com cuidado</i> é de	(D) complemento direto.
2.5 O sujeito da frase <i>Tinham afirmado que o navio estava bastante danificado</i> é	(E) subentendido.
2.6 Na frase <i>O navio já saiu da baía</i> , a expressão destacada tem a função sintática de	(F) complemento oblíquo.
2.7 Na frase <i>O navio foi reparado por técnicos especializados</i> , a expressão destacada tem a função sintática de	(G) indeterminado.

- Reescreve a frase **Entregaram as instruções ao comandante** substituindo os dois complementos pelos pronomes respetivos.

4. Assinala, nas frases seguintes, com X os complementos diretos constituídos por pronomes pessoais e com XX os complementos indiretos constituídos por pronomes pessoais.

Frases	Complementos diretos	Complementos indiretos
4.1 O Pedro entregou-me o plano de viagem desse navio.		
4.2 O capitão do navio não te enviou as informações.		
4.3 O capitão do navio observou-te atentamente antes de embarcares.		
4.4 Os marinheiros ouviram-nos com atenção.		
4.5 O capitão obedeceu-lhe.		
4.6 O capitão viu-vos.		

5. Atenta na frase

Os marinheiros depararam-se com os habituais problemas da viagem.

Reescreve-a:

- 5.1 na forma negativa.
- 5.2 com o verbo no pretérito mais-que-perfeito composto.
- 5.3 com o verbo no pretérito perfeito composto.
- 5.4 com o verbo no condicional composto.

GRUPO III

Escreve um texto de natureza expositiva no qual apresentes a um amigo o teu meio de transporte preferido, descrevas as suas características e indiques claramente as razões pelas quais o preferes. Podes referir as tuas experiências de viagem nesse meio de transporte e as vantagens que lhe encontras.

O teu texto deve ter no mínimo 180 palavras e no máximo 240. Deve apresentar uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

Teste 2

GRUPO I

Parte A

Lê o texto.

**VENTO DO NORTE ARREFECE
ÁGUAS DO ALGARVE**

Por: André Pereira/Ana Palma

- A água **que** banha a costa portuguesa, em especial a do Algarve, tem estado mais fria
- do que em anos anteriores. As diferenças são pouco significativas, na ordem dos 2 a
- 3 graus, mas perceptíveis aos veraneantes que, por esta altura, procuram dar uns mergu-
- lhos e aproveitar as férias. A boa nova é que, nos próximos dias, a temperatura média da
5 água deverá subir devido a uma alteração meteorológica.

- A explicação para as águas frias, segundo o Instituto de Meteorologia (IM), é simples e
- está na direção do vento, devido ao Anticiclone dos Açores, e consequente influência na
- circulação das águas superficiais.

- «O Continente tem sido influenciado por ventos de norte/noroeste, na circulação de
10 um anticiclone localizado na região dos Açores, o que tem originado ondulação predom-
- inante de sudoeste na costa algarvia», afirmou ao CM fonte do IM, dando conta que na
- terça-feira o «ventou rodou no Algarve para sueste e a ondulação também passou a estar
- de sueste, fazendo subir a temperatura da água do mar».

- A água fria deve-se, sublinhou o IM, «à baixa frequência de situações de sueste neste
15 verão». (...)

- O meteorologista Manuel Costa Alves responsabiliza também as correntes marítimas
- **que** trazem águas frias das latitudes mais a norte. «As Ilhas Britânicas têm estado sob
- condições adversas e os ventos fazem com que as correntes transportem águas frias para
- sul, baixando a temperatura na nossa costa».

20 Esta situação tem deixado desconsolados os banhistas da praia do Vau, em Portimão.
- Um industrial de mármore, de 64 anos, de Borba, Alentejo, de férias com a esposa, reve-
- lou **que** «nos primeiros dias era difícil estar na água, por causa do frio». «Até arrepiava.
- Saíamos logo. A minha mulher teve dias que nem sequer se aproximou do mar», lamentou.

DEGELO SEM INFLUÊNCIA

25 A situação de degelo extremo, verificada no final do mês passado na Gronelândia, não
- tem qualquer influência direta na temperatura das águas em Portugal. Segundo o meteo-
- rologista Costa Alves, «a água da Gronelândia que vai parar ao oceano Atlântico sofre um
- processo de aquecimento até chegar às costas de Portugal».

- «É um processo demorado. **Portanto**, a sua influência em Portugal não é direta», refere
- 30 Costa Alves, para quem o degelo representa um enorme problema e uma preocupação:
- «O gelo no Ártico está a diminuir rapidamente. Estou convencido que dentro de 15 anos,
- no máximo, teremos verões sem gelo naquela região».
- Estas são também as perspetivas da NASA que registou o maior degelo dos últimos
- 30 anos. A conclusão dos cientistas baseia-se em imagens de três satélites, **que** mostram
- 35 um degelo rápido entre os dias 8 e 12 de julho. Nesse período, a área derretida passou de
- 40% do total da superfície da camada de gelo para 97%. Num verão normal, metade da
- superfície derrete, mas este ano a extensão aumentou dramaticamente.

<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/nacional/actualidade/vento-do-norte-arrefece-aguas-do-algarve>
(Texto com supressões. Consultado em 12.1.2013)

1. As afirmações apresentadas de **(A)** a **(E)** encontram-se todas comprovadas no texto, exceto uma. Identifica-a copiando a alínea respetiva para a folha da prova.
 - (A)** Apesar de a diferença entre as temperaturas habituais da água do mar no Algarve e as que se fazem sentir no presente e que são referidas na notícia não serem apreciáveis, a verdade é que os banhistas se sentem com frio quando entram no mar.
 - (B)** O vento e as direções que tem tomado é o principal responsável pelo abaixamento da temperatura da água do mar.
 - (C)** Além da influência do vento nesta situação, o texto apresenta ainda outro motivo que a explica.
 - (D)** O degelo na Gronelândia também contribui para o abaixamento da temperatura da água do mar, apesar de a Gronelândia se situar muito longe do Algarve.
 - (E)** O degelo na Gronelândia não contribui para o abaixamento da temperatura da água do mar no Algarve.
2. Escolhe a opção correta, de acordo com o sentido do texto. Para o meteorologista Costa Alves existe uma relação de
 - (A)** causa entre a diminuição da temperatura da água do mar no Algarve e água fria proveniente do norte trazida por correntes marítimas.
 - (B)** consequência entre a diminuição da temperatura da água do mar no Algarve e a temperatura da água do mar nas Ilhas Britânicas.
 - (C)** identidade entre as temperaturas da água do mar no Algarve e temperaturas da água do mar mais a norte.
 - (D)** oposição entre as temperaturas da água do mar no Algarve e as temperaturas da água do mar nas Ilhas Britânicas.

Textos não literários
Sequência 1

3. Tem em atenção as quatro ocorrências da palavra **que** – destacada no texto quatro vezes. Escreve na folha da prova a alínea correspondente à única afirmação correta. Estas palavras são, respetivamente
- (A) pronome relativo / pronome relativo / pronome relativo / conjunção subordinativa completiva.
 - (B) conjunção subordinativa completiva / conjunção subordinativa completiva / pronome relativo / pronome relativo.
 - (C) conjunção subordinativa completiva / pronome relativo / pronome relativo / conjunção subordinativa completiva.
 - (D) pronome relativo / pronome relativo / conjunção subordinativa completiva / pronome relativo.
4. Escreve na folha da prova a alínea que corresponde à única afirmação verdadeira. A expressão «Esta situação» (linha 20) refere-se
- (A) a um facto anteriormente referido no texto.
 - (B) a um facto posteriormente referido no texto.
5. Substitui o conector interfrásico destacado no texto por outro de sentido equivalente. Escreve-o na folha da prova.

Parte B

Lê o texto. Consulta o vocabulário se necessário.

- Há meio século, Olhão, entranhado de salmoura¹ e perdido no mundo, vivia só do mar.
- Todos se conheciam. Os que não eram marítimos, eram filhos ou netos de marítimos,
- contrabandistas uns e outros, pescadores costeiros e pescadores do alto que iam à cava-
- la a Larache. A pesca costeira, a das caçadas, fazia-se com groseiras², grandes espinhéis,
- 5 para o cachucho, o goraz, o safio, a carocha, o ruivo, a abrótea e a pescada; e com a arte da
- xávega, em calões e botes, puxando a tripulação o aparelho para terra, enquanto o arrais,
- numa pequena lancha, a calima, vigiava o lanço e dirigia a manobra. Havia muito peixe e a
- vida era extraordinária. Toda a noite o chamador batia de porta em porta com um cacete:
- – Arriba com Deus³, mano João!
- 10 Nesta arte ia ao mar quem queria – os pequenos, os humildes e os fracos – todos de
- varino⁴ e por baixo nus.
- – Levas a barça? – perguntava o arrais.
- Era o essencial. Dizia-se de um homem pobríssimo:
- – Aquilo é um homem sem barça nem lasca.
- 15 O dinheiro arrecadava-o o dono num monte com uma esteira por cima, e distribuía-o
- enfiando o braço por um buraco e tirando um punhado de cobre ao acaso:
- – Toma lá!

(continua)

(continuação)

- Fazia as contas que entendia e os pobres diziam:
- – O que ele tem enricado à custa daquela esteira!...
- 20 E as mães às filhas:
- – Ó filha, Deus queira que não olhes para *home* que ande na arte!...
- A pesca do alto fazia-se em caíques cobertos, de vinte e cinco a trinta toneladas, com
- duas velas triangulares. Este barco voava. Ia a Setúbal, a Lisboa, às Berlengas, ao Porto, e
- só voltava a casa no S. João, no Natal e nas festas grandes do ano. As mulheres esperavam
- 25 pelos maridos com alvoroço – dando outra mão de cal nas casas. Tripulavam-no vinte e
- cinco homens e dois cães, que ganhavam tanto como os homens. E mereciam-no. Era
- uma raça de bichos peludos, atentos um a cada bordo e ao lado dos pescadores. Fugia o
- peixe ao alar da linha, saltava o cão no mar e ia agarrá-lo ao meio da água, trazendo-o na
- boca para bordo. O caíque pescava e vendia pela costa fora. Às vezes sucedia-lhes esta-
- 30 rem em Lisboa, abrigados do temporal, longe da terra em dias de festa, no da procissão
- do Senhor dos Passos, por exemplo – a que o marítimo nunca falta, vestindo o melhor
- fato e pondo a cartola na cabeça: – Compadre, vamos nós à procissão? – Ventania rija, va-
- galhão de meter medo na barra... – Por cima da água ou por baixo da água, vamos sempre.
- – E iam. Marítimos extraordinários, não usaram nunca agulha de marear: sabiam onde
- 35 estavam pelo cheiro.

Raul Brandão, *Os Pescadores*, Lisboa, Verbo, 2009

Vocabulário

¹ *entranhado de salmoura* – a cheirar ao sal utilizado na confeção das conservas, da indústria conserveira

² *groseiras* – cordas com muitos anzóis para pesca

³ *Arriba com Deus* – Levanta-te

⁴ *varino* – peça de roupa apropriada para a pesca

6. Identifica o espaço social presente no texto.

6.1 Caracteriza-o.

7. Mostra como a enumeração presente no primeiro parágrafo contribui para a sensação de fartura.

8. Explica por que razão os cães que acompanhavam os pescadores tinham, como eles, um salário.

9. Justifica a atitude das «mulheres» que «esperavam pelos maridos com alvoroço» (**linhas 24 e 25**).

10. Identifica os dois recursos expressivos presentes na frase «Este barco voava.» (**linha 23**).

10.1 Explica a expressividade literária de ambos.

Parte C

Escreve um texto expositivo que tenha um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual apresentes um animal que tenha como principal função trabalhar com e para o Homem. O teu texto deve ter uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

GRUPO II

1. Indica a que classes pertencem as seguintes palavras presentes no último parágrafo do texto.

a) pesca (linha 22); **b)** com (linha 22); **c)** duas (linha 23); **d)** Este (linha 23).

2. Identifica as afirmações verdadeiras (V) e as falsas (F). Corrige as falsas.

Afirmações	V	F
2.1 A função sintática da palavra destacada em «Os que não eram marítimos » (linha 2) é de predicativo do sujeito.		
2.2 A função sintática de «mano João» (linha 9) é de vocativo.		
2.3 A função sintática da oração subordinada substantiva relativa destacada na frase «Nesta arte ia ao mar quem queria » (linha 10) é de sujeito.		
2.4 A função sintática de «a barça» (linha 12) é de complemento indireto.		
2.5 A função sintática de «cobertos» (linha 22) é de modificador restritivo do nome «caíques».		
2.6 A função sintática de «a Setúbal» (linha 23) é de complemento oblíquo.		
2.7 A função sintática de «com alvoroço» (linha 25) é de complemento direto.		
2.8 A função sintática do grupo nominal destacado na frase «saltava o cão no mar» (linha 28) é de sujeito.		
2.9 A função sintática do pronome presente na frase «Às vezes sucedia-lhes estarem em Lisboa» (linhas 29 e 30) é de complemento direto.		
2.10 A função sintática do pronome presente na frase «trazendo-o na boca para bordo» (linhas 28 e 29) é de complemento indireto.		

3. Compara as orações subordinadas adverbiais presentes nas frases complexas seguintes:

- a)** Os pescadores lançaram as redes logo que chegaram ao local da pesca.
- b)** Os pescadores não lançaram as redes uma vez que o mar estava bravo.
- c)** Os pescadores lançariam as redes caso tivessem condições para isso.
- d)** O mar estava tão agitado que os pescadores não puderam lançar as redes.
- e)** Como o mar estava bastante agitado, os pescadores não puderam lançar as redes.

Escolhe a opção correta escrevendo o seu número na folha da prova. A sequência das orações subordinadas adverbiais é a seguinte:

- 3.1** temporal / causal / condicional / consecutiva / causal.
- 3.2** causal / temporal / causal / consecutiva / condicional.
- 3.3** condicional / temporal / causal / causal / consecutiva.
- 3.4** condicional / causal / consecutiva / temporal / causal.

4. Atenta na frase: «E mereciam-no.» (**linha 26**). Reescreve-a:

- 4.1** na forma negativa.
- 4.2** no condicional presente.
- 4.3** no futuro composto.

5. Reescreve a frase «Os pescadores não lançavam as redes» na forma passiva.

6. Passa para o discurso indireto: « – Levas a barça? – perguntava o arrais.» (**linha 12**).

7. Reescreve as frases seguintes substituindo os complementos destacados por pronomes pessoais quando isso for possível.

- 7.1** Os pescadores não puderam ver **os peixes**.
- 7.2** Os pescadores dirigiram-se **a esse porto**.
- 7.3** Os pescadores entregaram os peixes **às vendedeiras**.
- 7.4** Os pescadores residiam **em Olhão**.

GRUPO III

Escreve um texto, com um mínimo de 180 palavras e um máximo de 240, no qual apresentes a tua opinião sobre a importância do mar na vida da atual sociedade: pesca, férias, energias alternativas... Inclui no teu texto dados ou experiências pessoais e justifica as tuas opiniões com exemplos apropriados.

Divide o texto nas três secções habituais: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Teste 1**GRUPO I****Parte A**

Lê o texto. Em caso de necessidade consulta o vocabulário.

- Esta compartimentação, aliada à fertilidade do solo abundantemente irrigado e frequentemente fecundado pela chuva, tem uma influência enorme sobre o carácter da sociedade minhota, nas suas sucessivas expansões históricas. A fertilidade do solo, por sua vez, não resulta apenas da abundância de água, que as massas de ar marítimo condensadas no seu encontro com as serras renovam constantemente (o Minho é a província portuguesa com pluviosidade mais alta). Deve-se notar até que a acentuada «lavagem» dos solos é um fator de empobrecimento. O que acontece é que a curta duração do estio¹ seco – reduzido a cerca de um mês nas terras dos vales e a praticamente nenhum na montanha – impede as fontes e ribeiras de secarem e garante sempre o recurso a uma rega abundante. É por isso que o Minho se pode considerar a única região portuguesa verdadeiramente não mediterrânica. Só aí é que as árvores podem crescer à vontade e as suas raízes penetram profundamente na terra. Só aí é que os jardins se cultivam sem esforço e se veem frondosas «bouças»² por toda a parte.

- Além disso, a mítica fertilidade minhota resulta também da decomposição das rochas graníticas cujos detritos atapetam as largas rechãs³ que entrecortam as vertentes dos vales abertos pelos rios da região: o Minho, o Lima, o Cávado, o Ave, o Sousa, o Tâmega. De facto encontram-se no Minho lugares dotados de uma fertilidade extraordinária, onde a agricultura intensiva se pratica há muitas centenas de anos com uma produção excelente, e que por isso puderam sempre sustentar uma população muito densa.

20 - Mas não se pode esquecer que esta fertilidade é, em grande parte, obra humana. Os camponeses incorporam incessantemente nos solos cultivados todos os detritos fornecidos pela agricultura, o estrume do seu gado e a «manta morta» (solo orgânico superficial) colhida nos espaços não cultivados. Por isso é para eles tão importante poderem dispor de «bouças» ou terrenos de brávia, complementos indispensáveis dos campos que cultivam intensamente. É o que se passa, por exemplo, nos chamados «alvéolos» 25 do vale do Ave, como o de Bougado, nos muitos lameiros que se encontram em todos os vales fluviais ou nas confluências entre os rios Homem e Cávado e o Ave e o Vizela.

AA. VV., *Portugal – o sabor da terra – Minho*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997

Vocabulário

¹ estio – verão

² bouças – bosques de pinheiros, carvalhos e mato

³ rechãs – planaltos

- 1.** As palavras «irrigado» (linha 1) e «fecundado» (linha 2) que se encontram no primeiro parágrafo referem-se a dois factos relativos ao solo minhoto presentes no texto. Identifica cada um deles, associando-o a cada uma destas palavras.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

- 2.** Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.4), a única opção que te permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. Escreve na folha da prova o número do item e a letra que identifica a opção correta.

2.1 A frase entre parênteses «(o Minho é a província portuguesa com pluviosidade mais alta)» (linhas 5 e 6) tem como função apresentar

- (A) uma alternativa a um facto anteriormente referido.
- (B) uma explicação de um facto anteriormente referido.
- (C) um contraste relativo a um facto apresentado anteriormente.
- (D) um exemplo relativo a vários factos apresentados antes.

2.2 Considera-se o Minho «a única região portuguesa verdadeiramente não mediterrânica» (linhas 10 e 11) porque

- (A) a possibilidade da rega é uma constante todo o ano.
- (B) a possibilidade da rega existe somente durante o verão.
- (C) a província é irrigada por muitos rios.
- (D) a província apresenta forte pluviosidade.

2.3 A anáfora «Só aí é que» (linhas 11 e 12) evidencia

- (A) o carácter excecional da fertilidade do Minho quando comparada com a de outras regiões ou províncias de Portugal.
- (B) o carácter excecional da pluviosidade no Minho quando comparada com a de outras regiões ou províncias de Portugal.
- (C) o carácter excecional da irrigação fluvial no Minho quando comparada com a de outras regiões ou províncias de Portugal.
- (D) o carácter excecional da produção agrícola no Minho quando comparada com a de outras regiões de Portugal.

2.4 No último parágrafo, a palavra que melhor contribui para sugerir o esforço humano a favor da fertilidade do solo minhoto é

- (A) «obra» (linha 20).
- (B) «incessantemente» (linha 21).
- (C) «complementos» (linha 24).
- (D) «intensamente» (linha 25).

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade consulta o vocabulário.

- Ora vamos à história já que me coube em sorte arpoar¹ com pena de ferro, no fundo lodoso deste tinteiro, as frases do meu tempo.

- Era pescador e caçador António de Queirós e Meneses. Viu no monte a filha do lavrador de Santo Aleixo. As serras têm sombras do infinito. O coração aí é maior que as dimensões do peito. O homem como se vê só, no cabeço de um fraguedo, dá-se grandeza extraordinária, mede-se pelo comprimento de horizonte a horizonte. Se o amor lhe rutilou² aí como um relâmpago que fulgura numa vasta cordilheira de montes, é um amor olímpico, titânico, imenso, que, disparado sobre a modéstia e singeleza duma rapariga montesinha, faz lembrar Camões:

10 *Qual será o amor bastante*
- *De Ninfa que sustente o dum Gigante?*

- Andava ele cursando³ retórica em Coimbra para ir vestir o hábito de frade fidalgo em S. Vicente de Fora. Tinha vinte e dois anos, e aspeto pouco de bernardo⁴. Era magro e pálido, da palidez dos que amam, segundo o preceito ovidiano⁵: *Paleat omnis amans*⁶.
15 Tinha êxtases nos píncaros das serras, como se ouvisse as harmonias das esferas. Sentia o grande vazio que a retórica lhe não enchia. Queria o amor, não queria tropos⁷; preferia uma mulher feia, se as há, à mais nítida metáfora de Cícero ou Vieira.

- Nestas ideias o encontrou Josefa da Lage, nos montados⁸ da sua freguesia. Coraram ambos. Este rubor era o primeiro lampejo do incêndio. Depois, à volta de poucos dias,
20 o fogo levou de assalto aquele combustível edifício de inocência, cheio de fluidos inflamáveis. A serra tinha penhascais, bosques, cavernas, insinuando o amor selvagem. Rodeava-os uma natureza contemporânea do homem vestido da pele do seu confrade em civilização, o grande urso e o grande veado. A forma selvática e antiga do proscénio⁹ deu-lhes jeitos de antigos atores da vida animal. Ninguém que os visse, ninguém que lhes
25 lesse os grandes livros do padre Sanches acerca do matrimónio. Oh! a solidão, entre dois amantes, faz os poetas; mas talvez primitivos de mais, algum tanto gaélicos¹⁰, normandos, alheios de tudo o que é epistolografia amorosa¹¹ – peles-vermelhas no rigor antropológico, à vista do modo como a gente em honesta prosa costuma casar-se.

Camilo Castelo Branco, «Maria Moisés», in *Novelas do Minho*,
Lisboa, Bertrand Editora, 2009

Vocabulário

¹ arpoar – encontrar, escrever; ² rutilou – apareceu; ³ cursando – estudando (para ser ordenado frade no mosteiro de São Vicente de Fora); ⁴ bernardo – frade; ⁵ ovidiano – relativo ao poeta romano Ovídio; ⁶ *Paleat omnis amans* – a palidez é própria de quem está apaixonado; ⁷ tropos – figuras de retórica, como a metáfora, que ele tinha de estudar; ⁸ montados – montes; ⁹ proscénio – cenário, paisagem; ¹⁰ gaélicos – bárbaros; ¹¹ epistolografia amorosa – cartas de amor

3. Todas as afirmações que se seguem se podem comprovar com o texto, exceto uma. Identifica-a copiando para a folha da prova a alínea respetiva.
- (A) As duas personagens referidas no texto namoraram e casaram, como sucede normalmente.
 - (B) As duas personagens referidas no texto mantiveram um relacionamento íntimo sem se terem casado.
 - (C) Esse relacionamento íntimo foi favorecido pelas condições dos locais onde se encontravam.
 - (D) A personagem masculina destinava-se a um estado social para o qual não tinha por certo vocação.
 - (E) A personagem feminina entregou-se apaixonadamente ao amor.
 - (F) Estas duas personagens pertenciam a estratos sociais diferentes.
4. Atenta na expressão «rapariga montesinha» (linhas 8 e 9). Justifica a sua ocorrência no texto.
5. Identifica as metáforas que se sucedem no segmento textual: «Este rubor era o primeiro lampejo do incêndio. Depois, à volta de poucos dias, o fogo levou de assalto aquele combustível edifício de inocência, cheio de fluidos inflamáveis.», (linhas 19 a 21).
- 5.1 Selecciona aquela que te parece mais expressiva e justifica a tua escolha.

Parte C

6. Escreve um texto, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual apresentes uma opinião justificada sobre a seguinte afirmação: *O amor é um sentimento contraditório: tanto pode causar grande alegria como muito sofrimento*. O teu texto deve ter uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão evidentes.

GRUPO II

1. Passa para o discurso indireto:
- Para mim, disse o João, o amor é um sentimento com o qual devemos ter cuidado.
 - Eu concordo contigo, respondeu a Marta, vê o que aconteceu comigo e com o Pedro...
2. Expande as duas frases que se seguem, a primeira com um modificador de nome apositivo e a segunda com um modificador de nome restritivo.
- 2.1 Os namorados foram passear.
- 2.2 Os namorados já regressaram.

3. Observa a frase: **O João confessou ontem ao final da tarde à Maria, na rua, que a amava.**

3.1 Identifica a oração subordinada.

3.2 Classifica-a de modo completo.

3.3 Identifica o elemento de que depende.

3.4 Indica a sua função sintática relativamente a esse elemento.

3.5 Diz se, retirada a oração subordinada a esta frase complexa, a frase se mantém ou não gramatical e porquê.

4. Atenta de novo na mesma frase e indica as afirmações verdadeiras (V) e as falsas (F) a ela relativas:

Afirmações	V	F
4.1 Nesta frase complexa existem dois complementos diretos.		
4.2 Esse complemento encontra-se pronominalizado.		
4.3 Na frase ocorrem três modificadores [de GV].		
4.4 Nenhum dos modificadores da frase tem valor de lugar ou locativo.		
4.5 A primeira forma verbal presente na frase seleciona dois complementos.		
4.6 A segunda forma verbal presente na frase seleciona somente um complemento.		

GRUPO III

Escreve um texto de opinião no qual concordes com a seguinte afirmação ou discordes dela, total ou parcialmente: *Para um amor dar certo, ambos têm de pertencer ao mesmo nível social e ter o mesmo nível de estudos.* Apresenta argumentos e exemplos a favor da tua posição.

O teu texto deve estar estruturado nas três partes habituais, introdução, desenvolvimento e conclusão; além disso, não deve ter menos de 180 palavras nem mais de 240.

Teste 2

GRUPO I

Parte A

Lê o texto.

- A vinte e seis de outubro, o *Port au Prince* (navio de caça à baleia) levantou ferro da lin-
- da baía de Honolulu e aprofundou-se a sul, em direção às ilhas da Sociedade. Em breve o casco
- cedeu noutra ponta, abrindo novo rombo. A caminho do Havai, a água entrara no casco
- ao ritmo de cinco metros em cada vinte e quatro horas, o que já era muito preocupante.
- 5 Agora, a água do mar jorrava para o porão ao ritmo de 5,8 metros por dia, isto é, cerca de
- vinte e quatro centímetros por hora, obrigando os marinheiros a dar à bomba sem parar,
- um trabalho penoso. Além disso, foi necessário tomar medidas para tornar mais ágil o
- pesado navio, que adernava perigosamente sobre as ondas quando o vento soprava forte.
- Primeiro, transferiram-se alguns canhões do convés superior para o porão, e, em segui-
- 10 da, para grande alívio da tripulação, todos os pesados apetrechos de tijolo e metal usados
- para converter gordura em óleo, incluindo as fornalhas e caldeiras, foram atirados borda
- fora.
- Brown não possuía nenhum dos dotes de navegador do capitão Duck, pelo que pas-
- sou a grande distância do Taiti. Sem se mostrar muito preocupado, ordenou então que o
- 15 navio rumasse às ilhas Tonga, batizadas de ilhas dos Amigos pelo capitão Cook. Dizia-se
- que este arquipélago tinha uma vegetação luxuriante e um clima ameno e que os nativos
- eram hospitaleiros, daí o seu nome. Em finais de 1806, o *Port au Prince* fundeou ao largo
- da ilha de Lifuka, precisamente o mesmo local onde Cook lançara âncora cerca de trinta
- anos antes.
- 20 As ilhas de Tonga são um conjunto de atóis de coral, formando três grupos principais
- que se estendem ao longo de cerca de cento e oitenta milhas de oceano, a leste das Fiji.
- São atóis que parecem saídos de um romance ou da fantasia de alguém, cada qual coroa-
- do por uma floresta de coqueiros, cujas copas emplumadas se agitam sob os ventos alí-
- sios, e rodeados por um recife de coral semelhante a um largo colar de contas. Os nativos
- 25 de Tonga tinham desenvolvido o sistema agrícola mais sofisticado e completo de todas
- as ilhas do Pacífico.

Simmons, James C., *Náufragos do paraíso*, Lisboa, Antígona, 2007

- 1.** Selecciona, para responderes a cada item (**1.1** a **1.5**), a única opção que te permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve na folha da prova o número do item e a letra que identifica a opção correta.

- 1.1** Pela leitura do texto, pode afirmar-se que o *Port au Prince*

- (A) sofreu pela primeira vez problemas de navegação e o seu comandante chamava-se Duck.
- (B) sofreu pela segunda vez problemas de navegação e o seu comandante chamava-se Duck.
- (C) nunca tinha sofrido problemas de navegação e o seu comandante chamava-se Cook.
- (D) tinha sofrido já problemas de navegação e o seu comandante chamava-se Brown..

- 1.2** As frases «São atóis (...) cada qual corado por uma floresta de coqueiros (...)» (linhas 22 e 23) e «(...) rodeados por um recife de coral semelhante a um largo colar de contas.» (linha 24) contêm, respetivamente,

- (A) uma comparação e uma metáfora.
- (B) uma comparação e uma antítese.
- (C) uma metáfora e uma comparação.
- (D) uma hipérbole e uma antítese.

- 1.3** Atenta na expressão «daí o seu nome» (linha 17). A palavra nela destacada refere-se a

- (A) um facto.
- (B) dois factos.
- (C) três factos.
- (D) quatro factos.

- 1.4** O conector interfrásico «Além disso» (linha 7) tem como função

- (A) iniciar um comentário sobre a informação à sua esquerda.
- (B) acrescentar informação da mesma natureza da informação à sua esquerda.
- (C) estabelecer um contraste entre a informação à sua direita e a informação à sua esquerda.
- (D) iniciar a expressão de uma causa de um facto referido anteriormente.

- 1.5** Com a utilização da palavra «precisamente» (linha 18), o autor pretende chamar a atenção para

- (A) uma coincidência extraordinária.
- (B) o local exato onde o navio fundeou.
- (C) a necessidade de o navio fundear naquele local.
- (D) a precisão da manobra de fundear o barco.

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade consulta o vocabulário.

- Dias andados, dispunha-me eu a seguir viagem, rogou-me o mesmo Tomé Lobo que
- por nada deste mundo o desamparasse¹, pois se temia decerto Tuão Xerrafão que, para
- se vingar dum pretendido prejuízo que lhe deram em Malaca, jurara pôr o fogo à feitoria²
- e queimá-lo dentro. Observei-lhe que, sendo caso que o matassem por vingança ou para
5 lhe roubarem a fazenda³, como poderia eu escapar que me não fizessem o mesmo? Mas
- ele objetou-me com segundas razões, como fosse o capitão de Malaca levar a mal deixá-
- lo eu sozinho naqueles auges⁴, e acabei por conceder-lhe um prazo de quinze dias para
- liquidar o negócio, ao fim do qual me poria a caminho, desse por onde desse.
- Tomé Lobo procedeu em conformidade e não tardou que tivesse a casa quási despe-
10 jada, convertida a fazenda em⁵ oiro e pedras preciosas. Quis o Diabo, porém, que o em-
- baixador de Bornéu matasse às suas mãos o rei do país, que surpreendera a atraíçoá-lo.
- E logo grandes tumultos estalaram por todo o reino, açulando-se⁶ a escumalha de maus
- instintos, ladra e desordeira. E na cidade em que estávamos se formou uma enormíssima
- choldra⁷ destes vagabundos que nos atacaram na feitoria, matando-nos três portu-
15 ges, deixando Lobo com uma queixada deitada abaixo por uma cutilada, e não poupando
- coisa para que erguer olhos. Valeu-nos o barco que estava no porto que, largando a todo
- o pano, nos transportou para Patane, onde os portugueses nos hospedaram com a maior
- bizarria⁸.
- Como ali houvesse um rei, levámos-lhe queixa do que sucedera em Pão, pedindo-lhe
20 licença para recobrar na fazenda das gentes daquela terra o dano que nos haviam feito.
- No que ele consentiu benevolmente, dizendo:
- Razão é que façais o que vos fazem e roubeis a quem vos rouba. À vontade.

Aquilino Ribeiro, *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto – Aventuras Extraordinárias dum Português no Oriente*,
Lisboa, Bertrand, 2009

Vocabulário

¹ desamparasse – abandonasse

² feitoria – edifício no qual se faziam trocas comerciais

³ fazenda – mercadorias

⁴ auges – momentos difíceis

⁵ convertida a fazenda em – trocada a fazenda por

⁶ açulando-se – incitando-se, promovendo-se a violência do povo, da «escumalha»

⁷ choldra – grande grupo de desordeiros

⁸ bizarria – hospitalidade

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

2. Identifica o argumento apresentado pelo narrador como resposta ao pedido que lhe foi feito por Tomé Lobo.
3. Explicita o argumento utilizado por Tomé Lobo para convencer o narrador a permanecer junto dele.
4. Explica o sentido da expressão «procedeu em conformidade» (linha 9) tendo em atenção a informação anterior e posterior.
5. Justifica a referência ao «Diabo» (linha 10) tendo em conta o sentido geral do texto.

Parte C

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual presentes a tua opinião sobre a importância da amizade em momentos difíceis. O teu texto deve ter uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão evidentes.

GRUPO II

1. Lê a frase seguinte: *A amizade é um bem precioso.*

Reescreve-a usando o adjetivo no grau comparativo de superioridade. Faz apenas as alterações necessárias.

2. Identifica e classifica a oração subordinada presente na frase complexa *A presença da amizade nas nossas vidas é tão importante como o sol que nasce cada dia!*
3. Passa para o discurso indireto:
 - Penso que a amizade é um dos sentimentos mais fortes – disse o meu primo.
 - Também acho, porque sem a amizade que existe entre nós não viríamos cá tantas vezes – respondi eu.

4. Em todas as frases que se seguem existem modificadores. Mas só numa ocorrem dois modificadores de nome, um restritivo e um apositivo. Identifica-a.
- (A) Os tripulantes entraram num navio americano que partiu por volta das sete horas para Inglaterra.
- (B) Os tripulantes, americanos, entraram no navio que partiu rapidamente.
- (C) Infelizmente, esse enorme navio teve de regressar ao porto para resolver problemas nas velas.
- (D) Logo que o navio reparado partiu, os tripulantes viram ao largo outro navio, parado.
5. Observa a frase: *Todos disseram às autoridades portuárias que tinham visto esse navio.*
- 5.1 Identifica a oração subordinada.
- 5.2 Classifica-a.
- 5.3 Identifica o elemento de que depende.
- 5.4 Refere a sua função sintática relativamente a esse elemento.
6. Observa as duas frases complexas.
- F1 O piloto do navio disse ao capitão, à entrada da barra, que o mar estava bastante encapelado.
- F2 O navio entrou no porto de Leixões quando o mar acalmou.

Identifica as afirmações verdadeiras (V) e as falsas (F). Corrige as falsas.

Afirmações	V	F
(A) Em F1, se retirarmos a oração subordinada, a frase mantém-se gramaticalmente correta.		
(B) Em F2, se retirarmos a oração subordinada, a frase mantém-se gramaticalmente correta.		
(C) A oração subordinada de F1 tem a função sintática de modificador.		
(D) A oração subordinada de F2 tem a função sintática de complemento direto.		

GRUPO III

A leitura de livros de aventuras ou o visionamento de filmes de aventuras são atividades que se associam facilmente à adolescência.

Escreve um texto no qual apresentes a tua opinião, explicando por que razão ou razões os adolescentes se interessam tanto por aventuras. Podes referir leituras realizadas ou filmes vistos.

O teu texto, que deve estruturar-se numa introdução, num desenvolvimento e numa conclusão, não pode ter menos de 180 palavras nem mais de 240.

Teste 1**GRUPO I****Parte A**

Lê o texto. Consulta o vocabulário em caso de necessidade.

TRIPEIROS, POIS ENTÃO

- Tripas à moda do Porto. Este prato, tão saboroso e tão tipicamente portuense, evoca
- um acontecimento que ocorreu há 596 anos (este capítulo foi escrito em 2011). Recorda
- a saída, das águas do rio Douro, das naus que, em 1415, partiram à conquista de Ceuta,
- epopeia em que se envolveu, com grande entusiasmo e boa dose de patriotismo, toda a
- 5 população do Norte de Portugal.
- Sim, porque nos estaleiros do Porto (as célebres taracenas) foram aparelhadas para
- cima de setenta naus «além de muita outra fustalha» (barcos mais pequenos) e nessa
- ingente¹ tarefa colaborou gente de Riba Douro, com as madeiras; de Vila do Conde e Azu-
- rara, com os panos para as velas; o julgado² da Maia e terras circunvizinhas, com o tojo
- 10 para aquecer os fornos em que se cozeu o pão que havia de seguir a bordo dos navios para
- alimento das respetivas tripulações.
- É a partir dessa época, e com origem no abastecimento das naus que iam demandar
- Ceuta, que os portuenses ganham o justo (e honroso, pois então!) epíteto de tripeiros.
- Mal se soube na cidade que nos seus estaleiros estavam a ser construídos navios desti-
- 15 nados à expedição, os burgueses e artesãos das Congostas (zona da cidade já desapareci-
- da), da Rua dos Mercadores e da Ribeira quiseram ser dos primeiros em colaborar em tão
- patriótica missão, tanto mais que isso significava cooperar com o sonho do Infante Dom
- Henrique, que nascera nesta cidade e à terra natal voltara, vinte e um anos depois, para
- acompanhar de perto os últimos preparativos da expedição a Ceuta.
- 20 Para abastecimento dos navios mandaram os do Porto abater elevado número de ca-
- beças de gado bovino, cuja carne, limpa, foi levada de imediato para o interior dos navios
- onde seria acomodada e devidamente salgada.
- As tripas e outras vísceras do gado, os miúdos, como vulgarmente se diz, **que** não pu-
- deram embarcar porque rapidamente se estragariam, ficaram com os portuenses, **que**,
- 25 dentro daquele princípio de que «a necessidade aguça o engenho», descobriram modo
- de **as** cozinhar, de as transformar numa deliciosa ementa, as célebres Tripas à Moda do
- Porto, e a partir **daí** veio o epíteto de tripeiros para os moradores do Porto.

Silva, Germano, *Porto – Nos recantos do passado*, Porto, Porto Editora, 2012

Vocabulário

¹ *ingente* – enorme, grandiosa

² *julgado* – espécie de concelho, divisão administrativa

- 1.** Selecciona, para responderes a cada item (**1.1** a **1.4**), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

Escreve na folha da prova o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

1.1 Segundo o texto,

- (A) a invenção do prato nele referido foi consequência da preparação da expedição a Ceuta.
- (B) a invenção do prato nele referido foi causa da expedição a Ceuta.
- (C) a invenção do prato nele referido pode ter tido origem na preparação da expedição a Ceuta.
- (D) a invenção do prato nele referido teve, certamente, como consequência a expedição a Ceuta.

1.2 O segundo parágrafo do texto (**linhas 6 a 11**) não apresenta ao leitor

- (A) os diferentes contributos de terras da região do Porto para os preparativos da expedição a Ceuta.
- (B) o modo como várias regiões do Norte de Portugal contribuíram monetariamente para a expedição a Ceuta.
- (C) o modo como várias regiões do Norte de Portugal contribuíram para a preparação da expedição a Ceuta.
- (D) o modo como várias regiões do Norte de Portugal entenderam contribuir para a preparação da expedição a Ceuta.

1.3 Atenta no seguinte segmento textual: «Mal se soube na cidade que nos seus estaleiros estavam a ser construídos navios destinados à expedição, os burgueses e artesãos (...) quiseram ser dos primeiros em colaborar» (**linhas 14 a 16**).

Este segmento significa que

- (A) entre a receção da informação e a decisão passou algum tempo.
- (B) entre a receção da informação e a decisão passou muito tempo.
- (C) a decisão foi simultânea à receção da informação.
- (D) a decisão dependeu de a informação ter sido bem analisada.

1.4 No último parágrafo do texto (**linhas 23 a 27**), encontram-se quatro palavras destacadas. Só uma se refere a um acontecimento. Trata-se

- (A) da primeira.
- (B) da segunda.
- (C) da terceira.
- (D) da quarta.

Parte B

- *Vêm quatro Cavaleiros cantando, os quais trazem cada um a Cruz de Cristo, pelo qual*
 - *Senhor e acrecentamento de Sua santa fé católica morreram em poder dos mouros. Absoltos*
 - *a culpa e pena per privilégio que os que assi morrem têm dos mistérios da Paixão d'Aquele por*
 - *Quem padecem, outorgados por todos os Presidentes Sumos Pontífices da Madre Santa Igreja.*
- 5 *E a cantiga que assi cantavam, quanto a palavra dela, é a seguinte:*

- Cav. À barca, à barca segura,
- barca bem guarnecida,
- à barca, à barca da vida!

-
10 Senhores, que trabalhais
pola vida transitória,
- memória, por Deos, memória
- deste temeroso cais!
- À barca, à barca, mortais,
- Barca bem guarnecida,
15 à barca, à barca da vida!

-
- Vigiai-vos, pecadores,
- que, depois da sepultura,
- neste rio está a ventura
- de prazeres ou dolores!
20 À barca, à barca, senhores,
- barca mui nobrecida,
- à barca, à barca da vida!

- *E passando per diante da proa do batel dos danados assi cantando, com suas espadas e escu-*
- *dos, disse o Arrais da perdição desta maneira:*

25 Dia. Cavaleiros, vós passais
- e nom preguntais onde is?

- 1.º Cav. Vós, Satanás, presumis?
- Atentai com quem falais!

- 2.º Cav. Vós que nos demandais?
30 Siquer conhecê-nos bem.
- Morremos nas Partes d'Além,
- e não queirais saber mais.

- Dia. Entrai cá! Que cousa é essa?
- Eu nom posso entender isto!

35 Cav. Quem morre por Jesu Cristo
- não vai em tal barca como essa!

Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, in
Teatro de Gil Vicente, apresentação e leitura
de António José Saraiva, Lisboa:
Portugália, 6.ª edição, s/d

2. Explicita as características dos «quatro Cavaleiros» presentes na primeira didascália.
3. Explica o sentido da expressão «vida transitória» (**verso 10**).
4. Identifica o verso que contém a alternativa que aguarda o cristão terminada a «vida transitória».
5. Relê os seguintes versos cantados pelos quatro Cavaleiros:

Vigiai-vos, pecadores,
que, depois da sepultura,
neste rio está a ventura
de prazeres ou dores!

- 5.1** Escreve na folha da prova o número desta pergunta e a alínea que corresponde à resposta correta.
A ordem dada pelos quatro cavaleiros é seguida pela expressão de uma
(A) causa; **(B)** consequência; **(C)** eventualidade / possibilidade; **(D)** finalidade.
6. Atenta na segunda didascália e indica, justificando, qual o recurso expressivo que nela ocorre e se refere ao Diabo.

Parte C

Escreve um texto no qual exponhas uma relação comprovada entre os dois textos que leste anteriormente. Utiliza obrigatoriamente no texto as palavras ou expressões «Ceuta», «mouros» e «Partes d'Além».

O teu texto deve ter um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras e conter uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

GRUPO II

1. Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, utilizando conjunções das subclasses indicadas entre parênteses. Faz apenas as alterações necessárias.
 - a) Os Cavaleiros avisaram os pecadores.
Estes lembram-se do Inferno.
(*Locução conjuncional subordinativa final*).
 - b) As almas dos mortos podem ir para o Céu.
As almas dos mortos podem ir para o Inferno.
(*Conjunção coordenativa disjuntiva*).

2. Transforma cada par de frases simples numa frase complexa estabelecendo as relações de sentido indicadas entre parênteses. Faz apenas as alterações necessárias.
- a) Gil Vicente escreveu o *Auto da Barca do Inferno*.
Pretendia criticar defeitos da sociedade.
(*Relação de causalidade*).
- b) Este Auto é tão divertido!
Não há quem não se ria frequentemente durante a representação.
(*Relação de consequência*).
3. Uma das vírgulas presentes nas frases complexas seguintes está incorretamente aplicada:
- a) Ela entrou para a sala, logo que o espetáculo começou.
- b) Desde que me pagues o bilhete, irei ver o espetáculo.
- 3.1 Identifica-a.
- 3.2 Justifica.
4. Identifica o sujeito da frase «Quem morre por Jesu Cristo / não vai em tal barca como essa!» (**versos 35 e 36**).
- 4.1 Explica por que razão não pode existir uma vírgula entre as palavras «Cristo» e «não» na frase anterior.
5. Indica o processo fonológico presente na supressão do <l> na evolução de <dolores> para <dores>.
- 5.1 Diz em que consiste.

GRUPO III

Escreve um texto de natureza argumentativa no qual apresentes as tuas razões ou argumentos sobre a importância de a sociedade de hoje continuar atenta ao *Auto da Barca do Inferno*, incentivando-se as representações deste auto e promovendo-se a ida de adolescentes e adultos a este espetáculo teatral. Refere, obrigatoriamente, o Fidalgo, o Sapateiro e o Frade.

O teu texto deve ter no mínimo 180 palavras e 240 no máximo e apresentar uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão evidentes.

Teste 2

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Consulta o vocabulário em caso de necessidade.

LISBOA

- Lisboa, cidade de origens recuadas, é extraordinariamente rica em acontecimentos que lhe ditaram a história e lhe moldaram o carácter e a fisionomia, marcando, do mesmo modo, a vida de Portugal.

- São alguns destes acontecimentos e aspetos evolutivos de Lisboa que podem ser detetados e compreendidos através das coleções do Museu da Cidade. Organizadas de forma cronológica, apresentam a evolução da cidade, desde os primórdios ao século XX, passando por alguns dos aspetos mais marcantes da sua história, como as diversas crises dinásticas, a aventura dos Descobrimentos, o Terramoto de 1755, ou a implantação da República, confundindo-se, muitas das vezes, com a própria História de Portugal.

- 10 Mas a história da cidade apreende-se também de muitas outras formas, nas quais se integram a realização de Roteiros Culturais; e a decifração de algumas curiosidades, como palavras ou frases típicas lisboetas das quais hoje se desconhece o porquê e a origem. De igual modo, o recurso a novas tecnologias multimédia permite uma nova perspetiva sobre Lisboa possibilitando novos entendimentos, distintas interpretações e, afinal, 15 concorrendo para um melhor conhecimento da cidade.

- **Amoreiras**

- Local cujo topónimo¹ se deve ao facto de o Marquês de Pombal ter, em 1771, aí mandado plantar esta classe de árvores cujas folhas se destinavam a alimentar os bichos-da-seda, os quais garantiam a matéria-prima imprescindível para a Real Fábrica da Seda, ali 20 fundada por D. João V.

- **Alfacinha**

- Não se sabe ao certo a origem desta designação para os habitantes de Lisboa. Poderá residir no costume que os lisboetas dos finais do séc. XIX tinham, ao domingo, de viverem em almoços pelas hortas do termo da cidade, onde, juntamente com o habitual 25 peixe frito, consumiam muita salada de alface. Este hábito, pouco comum no resto do país, era visto como estranho ou pitoresco para os forasteiros, tomando a designação um significado caricatural ou mesmo pejorativo.

(continua)

(continuação)

- **Chiado**
- Este topónimo encontra a sua origem no comportamento turbulento e ruidoso de
30 Gaspar Dias, proprietário de uma taberna existente no século XVI, que ficava próxima do
- encontro das atuais ruas do Carmo e Garrett.
- Segundo alguns autores, a alcunha ter-se-á estendido ao poeta António Ribeiro, que
- escreveu o *Auto das Regateiras* e que frequentava aquela loja.
- **Cair o Carmo e a Trindade**
- 35 Expressão que, atualmente, significa algo de surpreendente e de contorno, por vezes,
- escandaloso. Terá surgido, inicialmente, com um sentido funesto, em resultado do as-
- sombroso impacto do grande sismo que arrasou Lisboa em 1755, em que desabaram dois
- dos mais importantes conventos, localizados em locais distintos do Bairro Alto, o do
- Carmo e o da Trindade.

<http://www.museudacidade.pt/Lisboa/Paginas/default.aspx> (Consultado em 25.1.2013)

Vocabulário

¹ *topónimo* – nome de uma localidade

1. Indica que sentidos atribuis às seguintes expressões:
 - a) «cidade de origens recuadas» (**linha 1**);
 - b) «Organizadas de forma cronológica» (**linhas 5 e 6**);
 - c) «comportamento turbulento e ruidoso» (**linha 29**).
2. Selecciona, para responderes a cada item (**2.1 a 2.4**), a única opção que permite obter uma informação adequada ao sentido do texto. Escreve na folha da prova o número do item e a letra que identifica a opção correta.
 - 2.1** Tem em atenção os três primeiros parágrafos do texto (**linhas 1 e 15**). De acordo com o sentido do texto, um visitante poderá conhecer a cidade de Lisboa relativamente a vários dos seguintes aspetos, exceto a um. Identifica-o.
 - (A) Acontecimentos importantes da história de Lisboa.
 - (B) Percursos de natureza cultural através da idade de Lisboa.
 - (C) Explicação de termos ou palavras referentes a esta cidade.
 - (D) Apresentação de textos de viajantes estrangeiros sobre Lisboa.
 - 2.2** A origem do termo «alfacinha», que designa os lisboetas, tem, segundo o texto,
 - (A) origem identificada e natureza pejorativa.
 - (B) origem identificada e natureza elogiosa.
 - (C) origem desconhecida e natureza elogiosa.
 - (D) origem não identificada e natureza pejorativa.

2.3 A expressão «Cair o Carmo e a Trindade» é utilizada, de acordo com o sentido do texto, quando alguém

- (A) pretende referir que alguma coisa muito violenta aconteceu.
- (B) quer dizer que algum acontecimento triste ocorreu.
- (C) pretende dizer que algo sucedeu de natureza extraordinária.
- (D) quer sugerir a ocorrência de um acontecimento importante.

2.4 No segmento textual «Lisboa, cidade de origens recuadas, é extraordinariamente rica em acontecimentos que lhe ditaram a história e lhe moldaram o caráter e a fisionomia, marcando, do mesmo modo, a vida de Portugal.» (linhas 1 a 3), ocorrem três pronomes,

- (A) tendo todos o mesmo antecedente e sendo dois deles pronomes relativos invariáveis.
- (B) não tendo todos o mesmo antecedente e sendo dois deles pronomes relativos invariáveis.
- (C) não tendo todos o mesmo antecedente e sendo dois deles pronomes pessoais.
- (D) tendo todos o mesmo antecedente e sendo um deles pronome demonstrativo.

Parte B

- *Vem um Onzeneiro, e pergunta ao Arrais do Inferno, dizendo:*

- | | | | |
|--------|-------------------------------|---------|---|
| - Onz. | Pera onde caminhaís? | - | [<i>Vai-se à barca do Anjo, e diz:</i>] |
| - Dia. | Oh! que má-hora venhais, | - | |
| - | onzeneiro, meu parente! | - | Hou da barca! Hou! Hou! |
| 5 | Como tardastes vós tanto? | - | Haveis logo de partir? |
| - Onz. | Mais quisera eu lá tardar... | 25 Anjo | E onde queres tu ir? |
| - | Na safra do apanhar | - Onz. | Eu pera o Paraíso vou. |
| - | me deu Saturno quebranto. | - Anjo | Pois cant’eu mui fora estou |
| - Dia. | Ora mui muito m’espanto | - | de te levar para lá. |
| 10 | nom vos livrar o dinheiro!... | - | Essa barca que lá está |
| - Onz. | Solamente para o barqueiro | 30 | vai pera quem te enganou. |
| - | nom me leixaram nem tanto... | - Onz. | Porquê? |
| - Dia. | Ora entrai, entrai aqui! | - Anjo | Porque esse bolsão |
| - Onz. | Não hei eu i d’embarcar! | - | tomará todo o navio. |
| 15 | Oh! que gentil rechar, | - Onz. | Juro a Deos que vai vazio! |
| - | e que cousas pera mi!... | 35 Anjo | Não já no teu coração. |
| - Onz. | Ainda agora faleci, | - Onz. | Lá me fica, de rodão, |
| - | leixa-me buscar batel! | - | minha fazenda e alhea. |
| - | Pesar de São Pimentel! | - Anjo | Ó onzena, como és fea |
| 20 | Nunca tanta pressa vi! | - | e filha de maldição! |
| - | (...) | 40 | (...) |

(continua)

(continuação)

- | | | | | |
|----|--|----|------|----------------------------|
| - | <i>Torna o Onzeneiro à barca do Inferno e diz:</i> | 50 | Dia. | Entra, entra! Remarás! |
| - | | - | | Nom percamos mais maré! |
| - | Onz. Houlá! Hou! Demo barqueiro! | - | Onz. | Todavia... |
| - | Sabês vós no que me fundo? | - | Dia. | Per forç'ê! |
| - | Quero lá tornar ao mundo | - | | Que te pês, cá entrarás! |
| 45 | e trarei o meu dinheiro, | 55 | | Irás servir Satanás, |
| - | aquele outro marinheiro, | - | | porque sempre te ajudou. |
| - | por que me vê vir sem nada, | - | Onz. | Oh! Triste, quem me cegou? |
| - | dá-me tanta borregada | - | Dia. | Cal'-te, que cá chorarás. |
| - | como arrais lá do Barreiro. | | | |

Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, in
Teatro de Gil Vicente, apresentação e leitura
 de António José Saraiva, Lisboa:
 Portugália, 6.^a edição, s/d

3. Com base no que conheces do *Auto da Barca do Inferno* comprova que o Onzeneiro efetua um percurso cénico típico deste auto.
4. Explica que razão ou razões teria o Diabo para se dirigir ao Onzeneiro como seu «parente» (**verso 4**) ao mesmo tempo que se espanta por ele ter demorado tanto a vir ter consigo (**verso 5**).
5. Explicita o argumento utilizado pelo Onzeneiro para convencer o Diabo a que o autorize a «tornar ao mundo» (**verso 44**).
6. Identifica a oração subordinada causal que indica o motivo pelo qual o Onzeneiro deve ir para o Inferno.
7. Mostra como o Onzeneiro assume o seu destino de condenado através da utilização de uma metáfora.

Parte C

Escreve um texto, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual apresentes uma das personagens ou tipos do *Auto da Barca do Inferno* que tenha seguido o mesmo percurso cénico do Onzeneiro. Refere os motivos da sua condenação e os argumentos que utilizou para tentar salvar-se.

Organiza o teu texto nas três partes habituais: introdução, desenvolvimento e conclusão.

GRUPO II

1. Todas as palavras ou expressões destacadas nas frases seguintes têm a função sintática de complemento indireto, exceto uma. Identifica-a escrevendo na folha da prova o número respetivo.
 - 1.1 O aluno leu uma parte do *Auto da Barca do Inferno* **aos colegas**.
 - 1.2 Ele leu-**lhes** essa parte com muita expressividade.
 - 1.3 Todos concordaram **com a qualidade da leitura**.
2. A expressão destacada no exercício anterior que não tem função sintática de complemento indireto tem a função sintática de – escolhe a opção correta escrevendo o número respetivo na folha da prova.
 - 2.1 Complemento agente da passiva.
 - 2.2 Complemento direto.
 - 2.3 Complemento oblíquo.
 - 2.4 Sujeito.
3. Identifica as orações subordinadas presentes nas frases.
 - a) O Diabo sabia quem era o Onzeneiro.
 - b) Quem pecou foi para o Inferno.
 - 3.1 Classifica-as.
 - 3.2 Indica as suas funções sintáticas.
4. O processo morfológico de formação de palavras presente em «onzeneiro» é a
 - (A) derivação por sufixação.
 - (B) derivação por parassíntese.
 - (C) composição.
5. Indica o processo fonológico de inserção presente na evolução de <Sabês> (**verso 43**) para <sabeis>.

GRUPO III

Escreve um texto que tenha no mínimo 180 palavras e no máximo 240, no qual apresentes dois tipos sociais atuais que mereçam a reprovação geral. Apresenta pelo menos um argumento e respetivo exemplo para cada um deles.

Estrutura o teu texto nas três partes habituais: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Teste 1

GRUPO I

Parte A

Lê o texto.

PERIPÉCIAS E NAUFRÁGIOS

- Ao princípio, disseminada de perigos que os navegadores portugueses ainda não ti-
- nham aprendido a avaliar, a rota da Índia não se mostrou fácil. Logo a segunda expedi-
- ção, capitaneada por Pedro Álvares Cabral, sofreu gravíssimas perdas: sete das treze naus
- que a compunham naufragaram durante uma tempestade. A quarta expedição, a cujo
- 5 comando encontramos de novo Vasco da Gama, perdeu cinco naus das vinte e uma que
- zarparam de Lisboa. E a lista poderia continuar, de modo que em 1505 o rei D. Manuel or-
- ganizou uma expedição que poderíamos definir como de reconhecimento, como refere
- o embaixador veneziano:

- *De 1505, aos dias 17 de novembro, segunda-feira. Mandou este Sereníssimo Rei duas naus em*
- 10 *viagem a Meca; (...) as quais mandou para entender das naus, que se perderam acima da costa*
- *do cabo da Boa Esperança para cá, as quais vinham de volta, e porque muitos marinheiros têm*
- *a opinião de que as pessoas poderiam ser salvas nesta costa, ou em qualquer ilha ali vizinha. Sei*
- *que Sua Alteza mandou as ditas duas naus para este efeito, e para dar notícia do navegar ao*
- *longo da costa, se ali há alguns bancos, ou baixios (...).*

- 15 Mas não basta. Das Crónicas de Damião de Góis resulta que o soberano, na intenção
- de reduzir as perdas de navios, de homens e de mercadorias, encorajou os estudos náu-
- ticos e astronómicos destinados a descobrir as épocas mais propícias para as viagens, de
- modo a que os navios pudessem encontrar, a cada momento do seu longuíssimo peregrinar,
- condições atmosféricas menos perigosas. (...).

- 20 Contudo, a segurança da navegação está longe de se alcançar de facto. A rota da Índia
- continuava a provocar perdas enormes de homens e de meios, como verificamos por
- uma estatística referida pelo autor de uma das crónicas da *História Trágico-Marítima*:
- com efeito, relata Melchior Estácio do Amaral que no período de apenas vinte anos que
- decorre entre 1582 e 1602, ou seja, quando um século de estudos e de experiências já de-
- 25 veria ter ensinado alguma coisa, só na rota da Índia se perderam bem trinta e oito navios.

Lanciani, Giulia, *Sucessos e naufrágios das naus portuguesas*, Lisboa, Caminho, 1997
(Texto adaptado e com supressões)

Responde a cada um dos itens seguintes de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Associa cada elemento da coluna A ao único elemento da coluna B que lhe corresponde, de acordo com o sentido do texto. Escreve as letras e os números correspondentes. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

A	B
1. Como muitas naus se perdiam na viagem de regresso, essa foi a razão segundo a qual, para o embaixador de Veneza em Lisboa,	(A) o rei D. Manuel decidiu organizar uma expedição que foi estudar a rota da Índia.
2. Como os seus perigos eram desconhecidos,	(B) muitas naus se perdiam na rota da Índia.
3. Como não havia preocupação com normas de segurança,	(C) o rei D. Manuel organizou uma expedição que foi estudar a rota da Índia.
4. Como os seus perigos foram sendo progressivamente conhecidos,	(D) houve graves consequências nos primeiros anos de utilização da rota da Índia.

2. No último parágrafo do texto (linhas 20 a 25), a autora constata uma realidade e o motivo pelo qual ela não deveria existir. Seleciona a opção que não justifica esta afirmação.

Apesar da longa experiência de navegação da rota da Índia,

- (A) os naufrágios continuavam.
- (B) a insegurança permanecia uma constante.
- (C) as perdas em homens e bens eram muito grandes.
- (D) só se perderam trinta e oito navios.

3. Seleciona, para responderes a cada item (3.1 a 3.3), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção correta.

3.1 A expressão «de modo que» (linha 6) introduz, entre a informação à sua esquerda e a que ocorre à sua direita, uma ideia de

- (A) causalidade.
- (B) consequência.
- (C) possibilidade.
- (D) finalidade.

3.2 A expressão «de modo a que» (linhas 17 a 18) introduz, entre a informação à sua esquerda e a que ocorre à sua direita, uma ideia de

- (A) causalidade.
- (B) consequência.
- (C) possibilidade.
- (D) finalidade.

3.3 Esta expressão só pode ser substituída por uma das que se seguem, sem que o sentido do texto se altere. Identifica-a.

- (A) visto que.
- (B) para que.
- (C) sempre que.
- (D) logo que.

Parte B

Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas!
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei de improviso tal castigo,
Que seja mor o dano que o perigo!

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa *pertinace* confiança:
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte!

Luís de Camões, *Os Lusíadas*,
edição organizada por Emanuel Paulo Ramos,
Porto, Porto Editora, 2011

4. Identifica, justificando,

4.1 quem é o autor das palavras ditas em ambas as estrofes;

4.2 quem é o destinatário dessas palavras.

5. Explicita as quatro profecias feitas. Utiliza obrigatoriamente as seguintes expressões na tua resposta: *em primeiro lugar*; *em segundo lugar*; *além disso*; *finalmente*.

6. Justifica, com, pelo menos, dois exemplos, a seguinte afirmação: «A personificação é um recurso expressivo bem presente na primeira estrofe.»

6.1 Selecciona uma personificação presente no texto e explica a sua expressividade literária.

Parte C

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 70 palavras e um máximo de 120, no qual apresentes informação devidamente estruturada sobre os seguintes planos de *Os Lusíadas*: da viagem e da História de Portugal. Apresenta pelo menos um exemplo significativo de cada um deles.

O teu texto deve dividir-se nas três partes habituais: introdução, desenvolvimento e conclusão.

GRUPO II

1. Identifica em que grau se encontra o adjetivo presente na frase
Os Lusíadas são o mais belo livro da literatura portuguesa.

2. Atenta nas frases seguintes:

a) Eu não tinha lido esse poema épico.

b) Tu terias apreciado também o outro poema épico.

- 2.1** Reescreve-as substituindo os complementos diretos pelos pronomes pessoais adequados.
- 2.2** Classifica ambas as formas verbais sublinhadas nas duas frases indicando pessoa, número, tempo e modo.
- 3.** Reescreve as frases seguintes
- a) Ele leu esse livro** – iniciando-a por **É possível que** e fazendo as alterações necessárias.
 - b) Se ele tivesse lido o livro, saberia de tudo** – iniciando-a por **No caso de** e fazendo as alterações necessárias.
 - c) Ele leu o livro e recomendou-o ao João** – iniciando-a por **Mal**, substituindo o complemento direto pelo pronome pessoal correspondente e fazendo as alterações necessárias.
- 4.** Passa para a forma ativa a frase:
Esses livros têm sido lidos frequentemente pelos alunos.
- 5.** Identifica as funções sintáticas de todas as palavras ou expressões destacadas nas frases seguintes:
- 5.1** Lê esse livro, **Pedro**, porque é **muito interessante**.
 - 5.2** Logo que saí **da biblioteca**, encontrei-**te**.
 - 5.3** O livro foi comprado ontem **pela Maria** e oferecido **hoje** ao irmão dela.
 - 5.4** Nós vimos os livros **na livraria** e folheámo-**los**.
- 6.** Dos três elementos destacados na frase seguinte só um é selecionado pelo verbo nela presente.
Inesperadamente, o meu livreiro telefonou-me ontem.
- 6.1** Identifica-o.
 - 6.2** Refere a sua função sintática.
- 7.** Das três orações subordinadas destacadas nas frases seguintes, uma tem a função sintática de complemento direto, outra de modificador de nome restritivo e outra de modificador [de grupo verbal]. Identifica cada uma delas.
- a)** Vi ontem o livro **quando cheguei a casa**.
 - b)** Vi ontem o livro **que é grande e ilustrado**.
 - c)** Ela lembrou a todos **que tinha visto esse livro**.

8. Classifica de forma completa as orações subordinadas presentes nas frases seguintes:

8.1 O livro, que me ofereceste, vai demorar algum tempo a ler.

8.2 Ofereceste-me um livro que lerei devagar.

8.3 Esse livro é tão volumoso que vai demorar algum tempo a ler.

GRUPO III

Escreve um texto no qual

- indiques o episódio de que mais gostaste em *Os Lusíadas*;
- resumas esse episódio;
- o insiras num dos planos desta obra;
- refiras que tipo de episódio é;
- apresentes, pelo menos, dois argumentos ou razões para a tua preferência.

O teu texto deve ter no mínimo 180 palavras e no máximo 240. Além disso, deve estar dividido nas três partes habituais: introdução, desenvolvimento e conclusão.

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário e as notas.

[PERO COELHO, A MORTE DE DONA INÊS DE CASTRO E A VINGANÇA DE D. PEDRO]

- Se fosse necessário tomar as mesmas atitudes que naquela manhã invernosa de 7 de janeiro de 1355 havia defendido, Pero Coelho fazia-o novamente! Se assim não fosse, o reino de Portugal ficaria em risco, o débil infante D. Fernando ficaria comprometido, a paz com Castela desfazer-se-ia! Se aquela Inês, Castro de família, não tivesse os irmãos
- 5 que lhe deram e estes as ambições que ostentavam, e se D. Pedro I, na altura infante, não se tivesse logo enamorado e subjugado àquele colo de garça¹, com quem gerou três perigosos bastardos, tudo teria sido bem mais fácil. Todavia, as ações de um homem e a História não se julgam pelos se. Era imperioso agir e a sua função enquanto Conselheiro de el-rei D. Afonso IV, (...) era dar a conhecer os seus receios, no fundo, os de toda a corte,
- 10 os dos demais fidalgos e dos homens-bons. Era necessário eliminar Inês de Castro a bem da estabilidade do reino, da paz com Castela que tanto custara a obter e, acima de tudo, da continuação da linhagem dos Borgonha no trono português².
- Assim pensava para consigo Pero Coelho, cinco anos após o sucedido, nos já cinco dias que decorriam desde que fora preso pelos homens do rei de Castela e transportado
- 15 até à raia³ onde, conjuntamente com Álvaro Gonçalves, seria trocado por D. Pedro Nunes de Gusmão, Mem Rodrigues Tenório, Fernão Gaudiel de Toledo e Fructuoso Sanches Calderon, fidalgos castelhanos perseguidos por D. Pedro de Castela e outrora abrigados pelo rei de Portugal. Melhor sorte tivera Diogo Lopes Pacheco que, avisado por um mendigo enquanto caçava que era procurado por funcionários reais na cidade onde estabele-
- 20 cera residência, se pôs em fuga, disfarçado de um pobre andrajoso, indo para o reino de Aragão. Daí, ao que sabia naquele momento, por ouvir alguns rumores entre a criadagem de D. Pedro que o escoltava, encontrava-se já a salvo no reino de França. Sorte a dele!
- Tudo fazia parte do plano de vingança pormenorizadamente urdido por D. Pedro, que, desde que D. Afonso IV falecera no ano de 1357, movia mundos e fundos para encontrar
- 25 os responsáveis pela morte de Inês de Castro, quebrando assim o juramento que havia feito perante sua mãe, a Rainha D. Beatriz e o Arcebispo de Braga, D. Guilherme, em Canavezes, a 5 de agosto de 1355, aquando da assinatura do tratado que punha fim à guerra civil travada com o pai.

Ricardo Raimundo, *Vidas surpreendentes, mortes insólitas da História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2011. (Texto adaptado)

Vocabulário

¹ *colo de garça* – referência aos atributos físicos de D. Inês de Castro, nomeadamente ao pescoço esbelto

² *continuação da linhagem dos Borgonha no trono português* – trata-se da continuação da dinastia de Borgonha, a primeira dinastia, com um herdeiro legítimo – D. Fernando.

³ *raia* – fronteira entre Castela e Portugal

1. Selecciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.
Escreve na folha da prova o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.
- 1.1** Pela leitura do primeiro parágrafo, pode afirmar-se que Pero Coelho considerou necessário eliminar Dona Inês de Castro devido a todas as razões que se seguem, exceto a uma:
- (A) O legítimo herdeiro do trono poderia vir a perdê-lo.
 - (B) O legítimo herdeiro do trono poderia entrar em guerra com os seus «perigosos» irmãos «bastardos».
 - (C) O estado de paz com o reino vizinho de Castela poderia terminar.
 - (D) O Príncipe D. Pedro estava demasiado subordinado aos encantos e à influência de Dona Inês de Castro.
- 1.2** Atenta no último parágrafo do texto. D. Pedro quebrou um «juramento» que tinha feito perante a sua mãe e o Arcebispo de Braga. Ele jurou
- (A) esquecer-se do assassinato de Dona Inês de Castro.
 - (B) não perseguir nunca os responsáveis pela morte de Dona Inês de Castro.
 - (C) que até à morte de seu pai não perseguiria os responsáveis pela morte de Dona Inês.
 - (D) cessar as hostilidades com seu pai na guerra civil que com ele travava.
- 1.3** Pero Coelho revela-se no texto como alguém
- (A) que tem orgulho no ato que aconselhou e ajudou a cometer.
 - (B) que lembra o passado e a posição privilegiada que tinha na corte.
 - (C) que teme pelo seu futuro, dado ter sido um dos matadores de Dona Inês.
 - (D) que assume os seus atos como deveres inerentes ao cargo que ocupava junto de D. Afonso IV.
- 1.4** Atenta no segmento textual seguinte e nas palavras destacadas: «Se aquela Inês, Castro de família, não tivesse os irmãos **que lhe** deram e **estes** as ambições **que** ostentavam» (linhas 4 e 5). As palavras destacadas têm como antecedentes, respetivamente:
- (A) Inês / irmãos / ambições / irmãos.
 - (B) irmãos / irmãos / ambições / Inês.
 - (C) irmãos / Inês / irmãos / ambições.
 - (D) ambições / Inês / irmãos / irmãos.

2. Atenta no segmento «Era imperioso agir» (linha 8). Tendo em consideração a informação à sua esquerda no texto, copia para a folha da prova a alínea relativa à única expressão que poderia integrá-lo no espaço abaixo em branco:

Era		imperioso	agir
-----	--	-----------	------

- (A) por esse motivo.
 (B) no entanto.
 (C) por outro lado.
 (D) por fim.

Parte B

Lê o texto:

De outras belas senhoras e Princesas
 Os desejados tálamos enjeita,
 Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas,
 Quando um gesto suave te sujeita.
 Vendo estas namoradas estranhezas,
 O velho pai *sesudo*, que respeita
 O murmurar do povo e a fantasia
 Do filho, que casar-se não queria,

Tirar Inês ao mundo determina,
 Por lhe tirar o filho que tem preso,
 Crendo *co* sangue só da morte *indina*
 Matar do firme amor o fogo aceso.
 Que furor consentiu que a espada fina,
 Que pôde sustentar o grande peso
 Do furor Mauro, fosse alevantada
 Contra uma fraca dama delicada?

Luís de Camões, *Os Lusíadas*,
 edição organizada por Emanuel Paulo Ramos,
 Porto, Porto Editora, 2011

3. Indica as afirmações verdadeiras (V) e as falsas (F).

	V	F
(A) Estas duas estâncias pertencem ao episódio de Dona Inês de Castro.		
(B) Trata-se de um episódio simbólico, simboliza a força do amor.		
(C) Trata-se de um episódio histórico, embora construído literariamente.		
(D) O narrador é Vasco da Gama – lembra a história a companheiros seus.		
(E) O narrador é Vasco da Gama – conta a história ao rei de Melinde.		

4. Refere o comportamento de D. Pedro constante da primeira estância.

4.1 Explicita o modo como o narrador o justifica.

5. D. Afonso IV, «O velho pai sesudo», toma determinada decisão.

5.1 Indica-a.

- 5.2** Explica que esperança tinha ele ao agir desse modo.
- 5.3** Copia os versos que te permitiram responder à pergunta 5.2.
- 5.4** Identifica a oração subordinada adverbial que apresenta o fim ou objetivo do assassinato de Dona Inês.
- 6.** Indica de que sentimentos se apresenta possuído o narrador quando fez a pergunta que ocupa os quatro últimos versos da segunda estância.
- 7.** Identifica na segunda estância:
- 7.1** um eufemismo.
- 7.2** uma metáfora.
- 7.3** um pleonismo.

Parte C

Escreve um texto no qual digas o que terias feito se fosses, tal como Pero Coelho, conselheiro de D. Afonso IV e ele te solicitasse conselho a respeito de Inês de Castro. Apresenta razões válidas que apoiem as tuas opiniões.

O teu texto, que deve ter no mínimo 70 palavras e no máximo 120, deverá apresentar-se estruturado nas três partes habituais.

GRUPO II

- 1.** Faz corresponder ambas as colunas de modo a obteres afirmações verdadeiras. Copia para a folha da prova o número de cada afirmação iniciada na coluna da esquerda e a alínea que lhe corresponde na coluna da direita.

A	B
1.1 A função sintática do grupo adverbial sublinhado na frase <i>Coloquei <u>acolá</u> Os Lusíadas</i> é de	(A) sujeito.
1.2 A função sintática do grupo nominal sublinhado na frase <i>Comprei uma nova edição de Os Lusíadas – disse <u>o Pedro</u> ontem</i> é de	(B) complemento indireto.
1.3 A função sintática da palavra sublinhada na frase <i>Ele ofereceu-<u>te</u> um exemplar de Os Lusíadas</i> é de	(C) complemento direto.
1.4 A função sintática da palavra sublinhada na frase <i>Ele viu-<u>te</u> a ler Os Lusíadas</i> é de	(D) predicativo do sujeito.
1.5 A função sintática do grupo adjetival sublinhado na frase <i>A atualidade de muitos versos de Os Lusíadas permanece <u>inatacável</u></i> é de	(E) complemento oblíquo.
1.6 A função sintática da oração subordinada adjetiva relativa explicativa sublinhada na frase <i>Camões, <u>que foi um grande escritor</u>, viveu no século XVI</i> é de	(F) modificador de nome apositivo.

2. Reescreve a frase *Provavelmente, esses sonetos terão sido escritos por Luís de Camões* na forma ativa.
3. Reescreve a frase *Provavelmente, Camões terá avistado esse navio nas suas viagens* substituindo o único complemento nela presente por um pronome pessoal.
4. Reescreve a frase *Ó João, traz cá imediatamente essa edição de Os Lusíadas!*, substituindo o complemento direto por um pronome pessoal.

GRUPO III

Escreve um texto de natureza argumentativa sobre a importância de as gerações mais novas darem atenção às opiniões dos mais velhos, nomeadamente os pais e outros familiares: eles podem ensiná-las, ajudá-las, aconselhá-las com base na experiência? Apresenta argumentos que apoiem as tuas opiniões.

O teu texto, que deve estruturar-se numa introdução, num desenvolvimento e numa conclusão, não pode ter menos de 180 palavras nem mais de 240.

Teste 1

GRUPO I

Parte A

Lê o texto.

ARAUCÁRIAS

- Existem nos Açores pelo menos três espécies deste género de coníferas¹ gigantes do hemisfério Sul. A mais emblemática, com uma forte presença na paisagem dos Açores é a espécie *Araucaria heterophila*, plantada em diferentes datas desde o século XVIII em locais públicos e jardins privados, como marco de paisagem.
- 5 A espécie *Araucaria heterophila* foi descoberta pelo Capitão Cook na sua segunda viagem de circum-navegação, ao passar pela ilha de Norfolk a oeste da Austrália, de onde é endémica². O famoso capitão ficou impressionado com esta árvore, de forma piramidal quase perfeita, e de altura que pode atingir os 60 m. Julgou que daria ótimos mastros, para além do nobilíssimo valor cénico que trazia à paisagem (...). Ao trazer
- 10 plantio desta espécie para Inglaterra, dedicou-a, num gesto romântico, bem ao gosto da época, à rainha, sendo a espécie cultivada nos jardins reais. Este poderoso e imponente símbolo vem a ser trazido para Portugal sendo plantado em Lisboa no Jardim do Monteiro-Mor (atual Jardim do Museu do Traje) no Lumiar. Trata-se da araucária³ mais antiga do país; plantada por Jacome Ratton no final do século XVIII, e também a
- 15 primeira plantada na Europa ao ar livre. Mais tarde, em meados do século XIX, vem a ser plantada em Sintra, por Francis Cook, quando estabelece o seu jardim em Monserate, um harmonioso e exuberante⁴ conjunto artístico e ambiental onde se sente, de uma forma viva e marcante, o «glorioso Éden» que Lord Byron tão bem soube cantar. Este indivíduo tem hoje 50 m de altura e 22 de diâmetro e será o maior do continente
- 20 português.
- Nos Açores esta espécie é posteriormente introduzida nos jardins românticos, com grande êxito e crescimento rápido, dando imponentes marcos na paisagem (algumas das árvores açorianas poderão mesmo ultrapassar as medidas referidas, mas nunca houve uma medição exata das mesmas.)
- 25 A sua boa adaptação aos Açores, em particular pela sua resistência aos ventos e ao sal, permite-lhe ser uma das poucas árvores que se destacam na paisagem. Por isso, muitos jardins românticos vêm a adotar, nas diferentes ilhas, esta espécie como o seu elemento central. Mais tarde salta dos jardins privados para o passeio público, onde é utilizada para marcar pontos ou datas memoráveis.
- 30 É assim que, na visita real de D. Carlos, no início do século XX, aos Açores, alguns dos pontos da visita, como que num memorial, são marcados pela plantação de *Araucária*.

(continua)

(continuação)

- Hoje estas árvores fazem parte da paisagem cultural dos Açores e constituem importantes marcos na estrutura visual das ilhas. Associadas a agregados urbanos nobres e ajardinados, a sua forma piramidal tem significados estéticos e míticos, pois que sobressai na paisagem aplanada das ilhas assemelhando-se a mãos postas que se erguem ao céu, construindo uma ligação entre o terreno e o transcendental, aproximando-se do significado fundamental do jardim.

Silva, Joaquim Sande (Coord.), *Árvores e florestas de Portugal – Açores e Madeira* – a floresta das ilhas, Lisboa, Público / (Fundação Luso-Americana, 1997. Texto adaptado)

Vocabulário

¹ *coníferas* – classe de planta

² *endémica* – típica dessa região

³ *araucária* – árvore de grande porte da classe das coníferas

⁴ *exuberante* – deslumbrante

1. Delimita no texto a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

2. Selecciona, para responderes a cada um dos itens (2.1 a 2.4), a única opção que te permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. Escreve na folha da prova o número do item e a letra que identifica a opção correta.

- 2.1 O percurso apresentado no texto relativo à disseminação da araucária pelo mundo é o seguinte:

(A) Açores – Inglaterra – Portugal / Sintra – Austrália.

(B) Inglaterra – Portugal / Sintra – Açores – Austrália.

(C) Austrália – Inglaterra – Portugal / Sintra – Açores.

(D) Austrália – Açores – Inglaterra – Portugal / Sintra.

- 2.2 A relação de sentido entre as palavras «árvore» (linha 7) e «araucária» (linha 13) é de

(A) hiperonímia – hiponímia.

(B) holonímia – meronímia.

(C) meronímia – holonímia.

(D) hiponímia – hiperonímia.

- 2.3 Da frase «Este indivíduo tem hoje 50 m de altura e 22 de diâmetro e será o maior do continente português.» (linhas 19 e 20) podemos inferir todas as afirmações que se seguem exceto uma. Identifica-a.

(A) Esta araucária pode não ser a maior de todas as existentes em Portugal.

(B) Esta araucária é a maior de todas as existentes em Portugal.

(C) Talvez esta araucária seja a maior de todas as existentes em Portugal.

(D) Existe a possibilidade de esta araucária ser a maior de Portugal.

2.4 Identifica a única afirmação impossível de comprovar no texto.

- (A) O antecedente do pronome destacado na frase «dedicou-**a** (...) à rainha» (linhas 10-11) é «(d) **esta espécie**» (linha 10).
- (B) o determinante possessivo destacado na frase «quando estabelece o **seu** jardim em Monserrate» (linha 14) refere-se a «Jacome Ratton» (linhas 16-17).
- (C) O pronome destacado na frase «permite-lhe ser uma das poucas árvores **que** se destacam na paisagem» (linha 26) tem como antecedente «uma das poucas árvores» (linha 26).
- (D) A expressão «mãos postas» (linha 35) tem imediatamente à sua direita um pronome relativo que se lhe refere.

3. Explicita a função no texto do parágrafo que se refere à visita que D. Carlos fez aos Açores.

4. O autor afirma, no último parágrafo, que a presença das araucárias nos Açores tem «significados» «míticos» (linha 34).

4.1 Explicita de que modo ele exemplifica esses significados.

4.2 Identifica o recurso expressivo que ele utiliza para esse fim.

Parte B

Lê o texto.

QUANDO A HARMONIA CHEGA

- Escrevo na madrugada as últimas palavras deste livro: e tenho o coração tranquilo, sei
- que a alegria se reconstrói e continua.
- Acordam pouco a pouco os construtores terrenos, gente que desperta no rumor das
- casas, forças surgindo da terra inesgotável, crianças que passam ao ar livre gargalhando.
- 5 Como um rio lento e irrevogável, a humanidade está na rua.
- E a harmonia, que se desprende dos seus olhos densos ao encontro da luz, parece de
- repente uma ave de fogo.

Carlos de Oliveira, *Trabalho Poético*, Primeiro volume, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, s/d

1. Elabora um comentário a este poema tendo em consideração os seguintes tópicos:

1.1 o sujeito poético

- tempo de elaboração do poema;
- estado de espírito – qual e porquê;
- sensações ligadas à «alegria»;

1.2 a linguagem poética

- presença expressiva da sinédoque, da metáfora e da comparação;
- ritmo;

1.3 o título

- sua relação com o texto.

Parte C

Escreve um texto no qual presentes a tua opinião justificada sobre o que para ti é mais importante e belo no mundo, na realidade que te cerca. Apresenta exemplos e justifica-os com as tuas razões ou argumentos.

O teu texto deve ter no mínimo 70 palavras e no máximo 120. Deve apresentar uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

GRUPO II

1. Liga as colunas A e B de forma a obteres afirmações verdadeiras. Escreve na folha da prova o número acompanhado da alínea respetiva.

A	B
1.1 A forma verbal destacada na frase <i>Os marinheiros tinham plantado essas árvores na ilha</i> encontra-se no	a) condicional pretérito (ou composto).
1.2 A forma verbal destacada na frase <i>Os marinheiros têm plantado essas árvores na ilha</i> encontra-se no	b) pretérito mais-que-perfeito composto.
1.3 A forma verbal destacada na frase <i>Os marinheiros teriam plantado essas árvores na ilha</i> encontra-se no	c) pretérito perfeito composto.

2. Escreve as opções corretas (**2.1** e **2.2**) copiando para a folha da prova o número e a alínea respetiva.

2.1 Se reescrevermos a frase *Os marinheiros tinham plantado as árvores na ilha* substituindo o complemento direto por um pronome e a passarmos para a forma negativa, a frase correta será

- (A) Os marinheiros não as tinham plantado na ilha.
- (B) Os marinheiros não nas tinham plantado na ilha.

2.2 Se reescrevermos a frase *Os marinheiros teriam plantado as árvores na ilha* substituindo o complemento direto por um pronome, a frase correta será

- (A) Os marinheiros tê-las-iam plantado na ilha.
- (B) Os marinheiros teriam-nas plantado na ilha.

3. Identifica a função sintática dos dois elementos sublinhados na frase *Nesse dia, permaneceram os rapazes quietos debaixo das árvores.*
4. Atenta nas duas frases complexas ***Quem gosta de árvores vai ao Jardim Botânico*** e ***Eu vi no Jardim Botânico quem te avisou.*** Em ambas encontra o mesmo tipo de oração subordinada.
- 4.1 Identifica-o.
- 4.2 Refere as suas funções sintáticas.

GRUPO III

Escreve um texto no qual apresentes uma paisagem, um local, um animal ou uma pessoa que te tenham marcado. Procura convencer o teu leitor da importância desse sítio, desse animal ou dessa pessoa na tua vida. Utiliza argumentos que justifiquem a tua escolha.

O teu texto deve ter no mínimo 180 palavras e no máximo 240. Deve apresentar uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

Teste 2

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário.

[ESTREMADURA]

- Há na Península Ibérica duas províncias com o nome «Estremadura», uma em Espanha, outra em Portugal. Ocupam uma posição parecida em relação às fronteiras dos respectivos países: estão ambas encostadas aos seus limites ocidentais e numa latitude intermédia, entre o Norte e o Sul. Mas acabam aqui as semelhanças. A *Extremadura* espanhola
5 é hoje uma das regiões mais despovoadas e menos ativas do país vizinho, ao passo que a Estremadura portuguesa se situa na área mais desenvolvida de todo o território português; uma está bem no interior, outra tem um largo contacto com o mar.

- A origem do nome tem, por isso, de se procurar em condições que nada têm a ver com a geografia. É preciso recuar aos velhos tempos anteriores às origens da Nacionalidade,
10 quando *stremadura* significava a área fronteiriça entre as terras dos cristãos e as dos mouros. Em documentos dos séculos X a XII designa as terras limítrofes dos reinos cristãos, tanto de Portugal como de Leão e Castela. Assim, por exemplo, num documento de 960 há lugares dos atuais distritos de Viseu e da Guarda que se dizem situados na *stremadura*, e o mesmo acontece ainda com as terras próximas de Viseu e de Seia em 1112, de Soure
15 em 1130, de Seia em 1169. A transferência do topónimo da vasta área de combates, que a Beira foi durante séculos, para o litoral português deve ter-se dado durante o fim do século XII e a primeira metade do século XIII, quando Lisboa e Santarém se tornaram as cidades de onde partiam as principais investidas contra os Mouros, e onde, por isso, se concentrava a orientação das operações militares. Como as designações regionais portuguesas se fixaram durante o período em que se estabilizou a organização administrativa,
20 a Estremadura passou a designar as terras então mais próximas das zonas de combate.

- Para o interior do país, todavia, prevaleceu a palavra *beria* (beira) que então também significava «extremo», «limite», «fronteira», mas, segundo parece, sem uma conotação militar tão forte como a que *stremadura* tinha adquirido na época da Reconquista. (...)

25 Com a mudança do conceito de fronteira, que de uma vasta área de combates passou a designar uma linha limítrofe entre dois estados soberanos, veio a perder-se a memória do seu verdadeiro sentido. Em 1146, (...) o conde de Barcelos, autor culto natural de Lamego que escreveu em latim uma interessante descrição de Portugal, já o ignorava por completo. (...)

30 Nessa altura a Estremadura situava-se no litoral, entre o Oceano e a Beira, e estendia-se de norte a sul desde o Douro até ao Tejo. Distinguia-se já no conjunto do reino por ser a província mais rica, mais ativa e mais próxima do poder central. Cada vez mais ligada a

(continua)

(continuação)

- Lisboa, viria a perder progressivamente o contacto com a foz do Douro e até, mais tarde,
- com a região de Coimbra. Em 1527, por ocasião do numeramento¹ dos moradores do rei-
- 35 no, começava a sul de Espinho, incorporando a Terra da Feira; depois alargava-se para in-
- cluir Penacova e Miranda, nos arredores de Coimbra; mais adiante estendia-se até Vila de
- Rei, Mação e Belver, na margem norte do Tejo; por fim ultrapassava este rio para abranger,
- na margem sul, as charnecas semidesertas dependentes de Abrantes e Santarém; mais a
- Ocidente não ultrapassava o Tejo: Salvaterra, Benavente e a península de Setúbal pertenciam
- 40 então à comarca² de Entre Tejo e Odiana³.

AA. VV., *Portugal – O sabor da terra – Estremadura*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997

Vocabulário

¹ *numeramento* – recenseamento

² *comarca* – antiga divisão administrativa

³ *Odiana* – Guadiana

1. Selecciona, para responderes a cada item (**1.1** a **1.6**), a única opção que te permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

1.1 O primeiro parágrafo do texto (**linhas 1 a 7**) apresenta, relativamente a duas regiões com designação idêntica,

- (A) em primeiro lugar, aspetos comuns, em segundo lugar, características idênticas.
- (B) em primeiro lugar, marcas de identidade comuns, em segundo lugar características aproximadas.
- (C) em primeiro lugar, características geográficas idênticas, em segundo lugar, completa divergência económica e populacional.
- (D) em primeiro lugar, características geográficas idênticas, em segundo lugar, divergência populacional e económica pouco acentuada.

1.2 O conector destacado na frase «A origem do nome tem, **por isso**, de se procurar em condições que nada têm a ver com a geografia.» (**linhas 8 e 9**) só pode ser substituído, de acordo o sentido do texto, por um dos seguintes:

- (A) dado que. (C) no entanto.
- (B) uma vez que. (D) portanto.

1.3 A palavra *stremadura*, segundo o sentido do texto, significava originalmente um limite de natureza

- (A) económica. (C) civil.
- (B) militar. (D) agrícola.

1.4 O determinante possessivo presente no segmento «Com a mudança do conceito de fronteira, que de uma vasta área de combates passou a designar uma linha limítrofe entre dois estados soberanos, veio a perder-se a memória do seu verdadeiro sentido.» (linhas 25 a 27) tem como antecedente:

(A) «topónimo» (linha 15).

(C) «Estremadura» (linha 21).

(B) «litoral português» (linha 16).

(D) «combate» (linha 21).

1.5 O pronome pessoal constante do segmento textual «Em 1146, (...) o conde de Barcelos, autor culto natural de Lamego que escreveu em latim uma interessante descrição de Portugal, já o ignorava por completo.» (linhas 27 a 29) tem como antecedente:

(A) «conceito de fronteira» (linha 25).

(C) «seu verdadeiro sentido» (linha 27).

(B) «linha limítrofe» (linha 26).

(D) «conde de Barcelos» (linha 27).

1.6 O último parágrafo do texto (linhas 30 a 40) apresenta principalmente o modo como o conceito de Estremadura evoluiu em termos

(A) políticos.

(C) económicos.

(B) geográficos.

(D) gerais.

Parte B

Lê o texto. Consulta a nota, se necessário.

MEDITAÇÃO DO DUQUE DE GANDIA SOBRE A MORTE DE ISABEL DE PORTUGAL

- Nunca mais
- A tua face será pura limpa e viva
- Nem teu andar como onda fugitiva
- Se poderá nos passos do tempo tecer.
- 5 E nunca mais darei ao tempo a minha vida.

- Nunca mais servirei senhor que possa morrer.
- A luz da tarde mostra-me os destroços
- Do teu ser. Em breve a podridão
- Beberá os teus olhos e os teus ossos
- 10 Tomando a tua mão na sua mão.

(continua)

(continuação)

- Nunca mais amarei quem não possa viver
 - Sempre,
 - Porque eu amei como se fossem eternos
 - Aglória, a luz e o brilho do teu ser,
 - 15 Amei-te em verdade e transparência
 - E nem sequer me resta a tua ausência,
 - És um rosto de nojo e negação
 - E eu fecho os olhos para não te ver.
-
- Nunca mais servirei senhor que possa morrer.

Sophia de Mello Breyner Andresen,
Obra Poética, Lisboa, Caminho, 2010

Nota: Este poema lembra um acontecimento histórico: Isabel de Portugal, rainha de Espanha e Imperatriz do Sacro Império Romano-Germânico, casada com o Imperador Carlos V, faleceu em 1 de maio de 1539, ainda nova. Era mulher de extraordinária beleza. O Duque de Gandia, Grande de Espanha, viu-a, morta, antes de ser inumada. Viu já sinais de putrefação no cadáver da mulher outrora tão bela e que tinha amado platonicamente; o seu rosto já com marcas de decomposição horrorizou-o de tal maneira que decidiu abandonar tudo o que tinha e fez-se frade para se entregar totalmente a Deus. Veio a ser canonizado – São Francisco de Borja.

2. Explicita o modo como o sujeito poético reafirma a decisão de mudar o curso da sua vida, referindo o recurso expressivo que ele utiliza para vincar bem essa decisão.
3. Identifica os versos nos quais o sujeito poético recorda a beleza de Isabel de Portugal.
 - 3.1 Indica os dois recursos expressivos presentes nesses versos.
 - 3.2 Explica a sua expressividade literária.
4. Atenta na segunda estrofe.
 - 4.1 Mostra como a morte («a podridão», verso 8) está personificada.
5. O sujeito poético decide servir, isto é, amar, alguém com características invulgares.
 - 5.1 Identifica, justificando, esse alguém.
 - 5.2 Explica o processo usado pelo sujeito poético para intensificar essa decisão.
6. Atenta na quarta estrofe.
 - 6.1 Justifica a ocorrência de um verso constituído por uma só palavra.
7. Classifica as quatro estrofes que constituem o poema quanto ao número de versos.

Parte C

Escreve um texto, com um mínimo de 70 e um máximo de 120 palavras, no qual reflitas sobre o sentimento da saudade – tão português. Procura apresentar vários motivos para termos saudade(s).

O teu texto deve estar estruturado nas três partes habituais: introdução, desenvolvimento e conclusão.

GRUPO II

1. Identifica as funções sintáticas das palavras ou expressões destacadas no texto seguinte. Escreve na folha da prova o número da palavra ou expressão e a respetiva função sintática.

O novo padre Francisco de Borja foi **1.1) o terceiro Geral da Companhia**, sendo depois canonizado como São Francisco de Borja. No entanto, sabemos **1.2) agora** que a famosa frase depois atribuída **1.3) ao duque**, e que deu o mote ao célebre poema de Sophia de Mello Breyner intitulado “Meditação do Duque de Gandia na morte de Isabel de Portugal”, sobre a sua alegada decisão de nunca mais servir a senhor mortal algum, foi sim pronunciada **1.4) por São João de Ávila** na oração fúnebre da imperatriz que proferiu durante as suas exéquias.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel_de_Portugal,_imperatriz_do_Sacro_Imp%C3%A9rio_Romano-Germ%C3%A2nico
(Consultado em 25.1.2013)

2. Identifica a oração subordinada adverbial presente no seguinte conjunto de frases complexas:
 - a) O Duque disse que nunca mais amaria uma mulher.
 - b) O Duque sofreu um grande abalo psicológico logo que contemplou o rosto da rainha falecida.
 - c) Quem vê de perto a morte não a esquece.
3. Indica as funções sintáticas das orações subordinadas presentes nas frases do exercício anterior.

GRUPO III

Escreve um texto que tenha no mínimo 180 palavras e no máximo 240, no qual apresentes uma opinião pessoal sobre as relações entre a amizade e o amor: são sentimentos diferentes? O primeiro pode evoluir para o segundo? Um é mais forte do que o outro? Um é mais duradouro do que o outro? Apresenta pelo menos dois argumentos e respetivos exemplos que comprovem as tuas opiniões.

O teu texto deve estar dividido nas três partes habituais.

Soluções

Teste 1 (pp. 40-41)**Sequência 1****1.** 1.1 V; 1.2 F; 1.3 F; 1.4 V; 1.5 V; 1.6 V; 1.7 F; 1.8 V; 1.9 F; 1.10 F.**2.** 2.1 C; 2.2 A; 2.3 B; 2.4 A; 2.5 C.**3.** A ordem é a seguinte:

- 1 Escolher uma prancha e um fato adequado;
- 2 Escolher uma barra de leque para raspar a prancha;
- 3 Aprender a remar;
- 4 Aprender a pôr-se em pé na prancha num só salto;
- 5 Colocar o *chop* no pé recuado;
- 6 Escolher as ondas adequadas.

4. *Resumo possível:* Para se iniciar no *surf*, o jovem interessado deve comprar uma boa prancha, raspá-la e depois, ainda na praia, aprender a remar, a pôr-se em pé de um salto, colocar adequadamente o *chop* e escolher ondas pequenas numa praia vigiada.

Teste 2 (pp. 42-43)**Sequência 2****1.** 1.1 V; 1.2 F; 1.3 F; 1.4 F; 1.5 V; 1.6 V; 1.7 F; 1.8 V; 1.9 F; 1.10 V.**2.** 2.1 A.

2.2 «Os semáforos funcionavam em perfeita normalidade».

2.3 A.

2.4 A.

2.5 «Daqui resultaram três feridos».

3. *Resumo possível:* Dois veículos automóveis chocaram devido, presumivelmente, ao desrespeito de um semáforo. Para além dos prejuízos materiais, do embate resultaram também três feridos, que foram conduzidos ao hospital.

Teste 3 (pp. 44-45)**Sequência 3****1.** 1.1 V; 1.2 V; 1.3 F; 1.4 V; 1.5 V; 1.6 F; 1.7 V; 1.8 V; 1.9 V; 1.10 F.**2.** 2.1 A; 2.2 A; 2.3 C; 2.4 A; 2.5 B.

3. *Resumo possível:* O Diabo presente na obra de Gil Vicente exercia uma função reguladora da sociedade porque denunciava e criticava, mas era profundamente justo. Na tradição cultural transmontana o Diabo é mais folgazão e sedutor, ao mesmo tempo que dá voz à maledicência popular. As lições do Diabo da obra vicentina mostram-se atuais e muitos políticos da atualidade deveriam aprender com elas.

Teste 4 (pp. 46-47)**Sequência 4****1.** 1.1 V; 1.2 V; 1.3 F; 1.4 F; 1.5 V; 1.6 F; 1.7 F; 1.8 V; 1.9 V; 1.10 V.**2.** 2.1 A; 2.2 C; 2.3 A; 2.4 A; 2.5 C.

3. *Resumo possível:* O navio-escola *Sagres* vai partir para a terceira viagem de circum-navegação em redor do mundo, de forma a participar em diversas regatas comemorativas de alguns países e fazer diplomacia económica, divulgando os produtos e serviços portugueses.

Teste 5 (pp. 48-49)**Sequência 5****I****1.** 1.1 C.**2.** 2.1 A, B, C.**3.** 3.1 C.**4.** 4.1 B, C.**5.** 5.1 A.**II**

1. C. 2. B. 3. B. 4. A. 5. B.

III

1.1 «Não precisa de expedir nem de receber mensagens».

1.2 aguardente, cachaça.

1.3 asneiras, disparates.

1.4 dormir.

Sequência 1

TESTE 1 (pp. 52-56)

Grupo I

Parte A

1. (C), (E), (A), (D), (B).

2. 2.1 (D), 2.2 (A).

Parte B

3. 3.1 A autora pergunta como é possível a continuação das viagens à Índia havendo tantas mortes com os naufrágios frequentes e ocorrendo tanta destruição de bens; quer ainda saber que «ganhos» ou lucros obtinham com esta viagem os «armadores» – empreendedores que pagavam as viagens – que os pudessem ressarcir dos seus investimentos; estas perguntas têm toda a razão de ser, dadas as muitas mortes e destruição de navios e bens neles carregados que ocorriam nos frequentes naufrágios.

4. O embaixador de Veneza dá uma boa resposta a essa pergunta – resposta que correspondia à realidade: diz ele que mesmo que os prejuízos e as mortes fossem mais elevados, as viagens à Índia continuaram a realizar-se pois os lucros seriam, mesmo assim, muito compensadores. Este é o seu argumento: o lucro fabuloso que cobria todas as perdas.

5. Tal como o texto diz, eram marcas dessa «avidez» e dessas «ambições» o facto de se carregarem em demasia os navios na ânsia do lucro; carregados desse modo em excesso, os navios tinham dificuldades suplementares em dobrar o cabo da Boa Esperança, onde o mar se apresentava normalmente «tempestuoso»: daí os naufrágios frequentes.

Parte C

Resposta livre.

Grupo II

1. **Da** – Contração da preposição *de* com o determinante artigo definido *a*; **para** – preposição; **dobrar** – nome comum; **quando** – conjunção subordinativa temporal; **excessivamente** – advérbio; **enfrentar** – forma verbal no infinitivo; **foi** – forma do verbo *ser* no pretérito perfeito do indicativo; **nos** – pronome pessoal; **contemporâneos** – adjetivo qualificativo.

2. 2.1 (B); 2.2 (D); 2.3 (E); 2.4 (A); 2.5 (G); 2.6 (F); 2.7 (C).

3. Entregaram-lhas.

4. X – Complementos directos constituídos por pronomes pessoais – 4.3 / te; 4.4 / nos; 4.6 / vos; XX – complementos indirectos constituídos por pronomes pessoais – 4.1 / me; 4.2 / te; 4.5 / lhe.

5. 5.1 Os marinheiros não se depararam com os habituais problemas da viagem.

5.2 Os marinheiros tinham-se deparado com os habituais problemas da viagem.

5.3 Os marinheiros têm-se deparado com os habituais problemas da viagem.

5.4 Os marinheiros ter-se-iam deparado com os habituais problemas da viagem.

Grupo III

Resposta livre.

TESTE 2 (pp. 57-62)

Grupo I

Parte A

1. (D).

2. (A).

3. (D).

4. (A).

5. Por isso.

Parte B

6. Trata-se da comunidade piscatória de Olhão.

6.1 Trata-se de uma comunidade piscatória pobre, trabalhadora, religiosa; o texto apresenta-nos não somente os pescadores mas ainda as suas famílias, as mulheres, os filhos; além disso, são apresentados ainda pormenores do trabalho da pesca.

7. Ocorre no primeiro parágrafo uma enumeração, a de uma série de peixes que se inicia com o «cachucho» (l. 5) e termina com a «pescada» (l. 5); antes, tinha já sido referida a «cavala». Apesar de pobre, esta comunidade piscatória vive da e na abundância do peixe.

8. Em cada barco iam dois cães que tinham um salário, pois eram cães que faziam um trabalho idêntico aos cães de caça: quando o peixe se soltava das redes ou de outros apetrechos de pesca, os cães saltavam ao mar, apanhavam-no e levavam-no para o barco. Eram cães trabalhadores, daí o seu salário, que seria pago, naturalmente, em alimentos...

9. As mulheres esperavam os maridos deste modo pois eles tinham passado muito tempo fora, por vezes iam pescar até bem longe; como a ausência era longa, o reencontro era esperado desse modo.

10. Metáfora e hipérbole.

10.1 Tanto um como outro contribuem para sugerir a extrema velocidade deste barco à vela. No que respeita à metáfora, o barco é identificado com um pássaro rápido; no que respeita à hipérbole, é evidente o exagero que sugere a rapidez desta embarcação à vela impulsionada pelo vento.

Parte C

Resposta livre.

Grupo II

1. a) nome comum; b) preposição; c) quantificador numeral; d) determinante demonstrativo.
2. 2.1 a 2.3 V; 2.4 F – Complemento direto; 2.5 e 2.6 V; 2.7 F – Modificador [de grupo verbal com valor de modo ou modal]; 2.8 V; 2.9 F – Complemento indireto (pronomes «lhes»); 2.10 F – Complemento direto (pronomes «o»).
3. 3.1.
4. 4.1 E não o mereciam.
4.2 E merecê-lo-iam.
4.3 E tê-lo-ão merecido.
5. As redes não eram lançadas pelos pescadores.
6. O arrais perguntava se ele levava a barça.
7. 7.1 Os pescadores não os puderam ver.
7.2 Não é possível pronominalizar.
7.3 Os pescadores entregaram-lhes os peixes.
7.4 Não é possível pronominalizar.

Grupo III

Resposta livre.

Sequência 2

TESTE 1 (pp. 63-67)

Grupo I

Parte A

1. A palavra «irrigado» está relacionada com o facto de o solo da província do Minho ser percorrido por muitos rios, alguns dos quais estão referidos no texto; já a palavra «fecundado» está relacionada com o facto de o solo desta província estar sujeito a um forte regime de pluviosidade.
2. 2.1 (B); 2.2 (A); 2.3 (A); 2.4 (B).

Parte B

3. (A).
4. Esta expressão relaciona-se com a frase anterior (ll. 3 e 4) «Viu no monte a filha do lavrador de Santo Aleixo»; «rapariga montesinha» é a rapariga que andava no monte, filha de lavradores.

5. O segmento textual «Este rubor era o primeiro lampejo do incêndio. Depois, à volta de poucos dias, o fogo levou de assalto aquele **combustível edifício** de inocência, cheio de **fluidos inflamáveis**» apresenta uma sucessão de metáforas, aqui destacadas; são todas metáforas relativas à violência da paixão a que se entregaram os dois amantes.

5.1 *Resposta livre*; mas considere-se a seguinte: a palavra «incêndio» é uma metáfora do amor entre estes dois jovens: do mesmo modo que o incêndio é uma realidade cheia de movimento, que tudo consome, também os dois amantes se entregaram ao amor de forma selvagem; esta metáfora integra-se na referida sucessão de metáforas, pois se relaciona com outra metáfora, «fogo», e ainda com as metáforas «combustível», «fluidos inflamáveis», e, sem dúvida, com «edifício», pois frequentemente os incêndios destroem edifícios.

Parte C

Resposta livre.

Grupo II

1. O João disse que para ele o amor era um sentimento com o qual devíamos ter cuidado. A Marta respondeu-lhe que concordava com ele, que visse o que tinha acontecido com ela e com o Pedro...
2. 2.1 Os namorados, felizes, foram passear.
2.2 Os namorados zangados já regressaram.
(Outras soluções são possíveis.)
3. 3.1 que a amava.
3.2 Oração subordinada substantiva completiva.
3.3 Depende da forma verbal «confessou».
3.4 Complemento direto (alguém confessa alguma coisa = o quê (CD) a alguém).
3.5 Retirada a oração subordinada, a frase ficaria gramaticalmente incorreta, pois faltaria um complemento obrigatoriamente selecionado pelo verbo **confessar** / «confessou».
4. 4.1 F – só existe um CD: «que a amava».
4.2 V.
4.3 V.
4.4 F; «na rua» é um M [GV] com valor de lugar ou locativo.
4.5 V; alguém confessa alguma coisa (CD) a alguém (CI).
4.6 V; alguém ama alguém (CD).

Grupo III

Resposta livre.

TESTE 2 (pp. 68-72)

Grupo I

Parte A

1. 1.1 (D); 1.2 (C); 1.3 (C); 1.4 (B); 1.5 (A).

Parte B

2. O narrador argumentou dizendo que se assassinassem o seu protetor, ele seria também assassinado.
3. Tomé Lobo argumentou dizendo que se o narrador não ficasse junto dele naquela situação problemática, o «capitão de Malaca» podia não aceitar bem essa sua decisão.
4. Quem «procedeu em conformidade», isto é, quem cumpriu o que prometeu, foi Tomé Lobo, tendo-lhe o narrador concedido um prazo para ele resolver os seus assuntos, ele aceitou esse prazo e respeitou-o.
5. Tudo estava a correr bem para o narrador e para Tomé Lobo, como se verifica no início do segundo parágrafo; contudo, um acontecimento inesperado fez com que a situação se invertesse; o narrador, dentro das crenças da época, atribui a um poder maléfico, o Diabo, a autoria dessa reviravolta que foi nefasta para ele e para Tomé Lobo.

Parte C

Resposta livre.

Grupo II

1. A amizade é o bem mais precioso dos bens. A amizade é o bem mais precioso (de todos).
2. Identificação: «como o sol que nasce cada dia!»; classificação: oração subordinada adverbial comparativa.
3. O meu primo disse que pensava que a amizade era um dos sentimentos mais fortes. Eu respondi que também achava, porque sem a amizade que existia entre nós não iríamos lá tantas vezes.
4. (D).
5. 5.1 «que tinham visto esse navio.»
5.2 oração subordinada substantiva completiva.
5.3 depende da forma verbal «disseram».
5.4 complemento direto – (disseram *o quê?* / alguém diz *alguma coisa* a alguém).
6. (A) F; (B) V; (C) F; (D) V. Correção das falsas: (A) – Em F1, se retirarmos a oração subordinada, a frase fica gramaticalmente incorreta pois falta-lhe um complemento obrigatoriamente selecionado pelo verbo *dizer* – o complemento direto; (C) A oração subordinada de F1 tem a função sintática de complemento direto.

Parte C

Resposta livre

Sequência 3

TESTE 1 (pp. 73-77)

Grupo I

Parte A

1. 1.1 (A); 1.2 (B); 1.3 (C); 1.4 (D).

Parte B

2. Na primeira didascália os «quatro Cavaleiros» são apresentados como tendo morrido a combater contra os «mouros», os infiéis; por esse motivo estão isentos de qualquer pecado, foram absolvidos de qualquer pecado por decisão papal.
3. A expressão «vida transitória» significa a vida que passa, que tem um fim.
4. Essa alternativa está expressa no verso 19 «de prazeres ou dores».
5. 5.1 (A).
6. Trata-se da perífrase que se refere ao Diabo – «Arrais da perdição».

Parte C

Resposta livre.

Grupo II

1. a) Os Cavaleiros avisaram os pecadores para que estes se lembrem do Inferno.
b) As almas dos mortos podem ir para o Céu ou (podem ir) para o Inferno.
2. a) Gil Vicente escreveu o *Auto da Barca do Inferno* porque / uma vez que pretendia criticar defeitos da sociedade.
b) Este Auto é tão divertido que não há quem não se ria frequentemente durante a representação.
3. 3.1 e 3.2 A vírgula da frase a) está mal aplicada pois não se coloca a separar duas orações quando a oração subordinada vem depois da subordinante; já em b) a vírgula está bem colocada, pois a oração subordinada encontra-se antes da subordinante.
4. «Quem morre por Jesu Cristo».
4.1 Não pode, pois estaríamos a separar o sujeito do núcleo verbal do predicado, e isso não é possível.
5. Síncope.
5.1 Consiste na supressão de um segmento no interior da palavra.

Grupo III

Resposta livre.

TESTE 2 (pp. 78-82)

Grupo I

Parte A

1. a) Cidade muito antiga.
b) Apresentadas num tempo sequencial, desde as mais antigas até às mais modernas.
c) Comportamento barulhento.
2. 2.1 (D); 2.2 (D); 2.3 (C); 2.4 (C).

Parte B

3. O percurso cénico do Onzeneiro é típico do auto porque começa por ir ter com o Diabo, dirige-se depois ao Anjo e regressa finalmente ao Diabo.
4. O Diabo chama «parente» ao Onzeneiro e espanta-se por ele ter demorado tanto tempo a vir ter consigo porque, em primeiro lugar, acompanhou de perto, como se de um familiar se tratasse, o Onzeneiro, nos seus pecados; por outro lado, o Diabo acha que quem cometeu tantos pecados já devia estar no Inferno há muito.
5. Para o Onzeneiro o grande valor do mundo é o dinheiro; por isso, quando o Anjo recusa a sua entrada na Barca do Paraíso ele convence-se de que o Anjo toma essa atitude porque quer receber dinheiro; assim sendo, ele pede ao Diabo que o autorize a “tornar ao mundo” para ir buscar dinheiro com que subornar o Anjo.
6. “Pois que sempre te ajudou”.
7. O Onzeneiro assume o seu destino de condenado através da utilização da metáfora “Quem me cegou”; a metáfora da cegueira é expressiva dado que, do mesmo modo que um cego nada vê, o Onzeneiro também não se apercebeu ao longo da sua vida pecaminosa de que estava a caminho do inferno.

Parte C

Resposta livre.

Grupo II

1. 1.3.
2. 2.3.
3. a) “Quem era o Onzeneiro”.
b) “Quem pecou”.

3.1 Ambas as orações são subordinadas substantivas relativas (sem antecedente).
3.2 A primeira tem a função sintática de complemento direto; a segunda de sujeito.
4. (A).
5. Epêntese.

Grupo III

Resposta livre.

Sequência 4

TESTE 1 (pp. 83-87)

Grupo I

Parte A

1. 1. (C); 2. (D); 3. (B); 4. (A).
2. (D).
3. 3.1 (B); 3.2 (D); 3.3 (B).

Parte B

4. 4.1 e 4.2 O autor é o Adamastor: estas estrofes são parte do discurso profético que ele dirige a Vasco da Gama e aos portugueses.
5. Em primeiro lugar, uma profecia ocorre entre os versos 1 e 4 da primeira estância: Adamastor profetiza que as naus portuguesas terão a região onde ele se encontra como «inimiga», isto é, os portugueses defrontar-se-ão ali com tempestades muito fortes – «ventos e tormentas desmedidas»; em segundo lugar, ocorre outra nos quatro versos seguintes e diz respeito à profecia sobre a «primeira armada» que ali passaria depois da de Vasco da Gama: vai sofrer um «castigo»; além disso, existe uma terceira profecia que diz respeito à futura morte naquela região de Bartolomeu Dias, que anos antes havia descoberto o Cabo da Boa Esperança; finalmente, a quarta profecia é relativa aos muitos naufrágios que os portugueses sofrerão naquela zona do sul de África.
6. Este recurso expressivo ocorre várias vezes na primeira estrofe; por exemplo, em «naus» «atrevidas», em «paragem» «inimiga», em «ondas insofridas»: nos três casos são atribuídos sentimentos ou atitudes humanos (atrevimento, inimizade, zanga / revolta) a realidades que os não possuem.
6.1 Por exemplo, a última personificação, «ondas insofridas» é muito expressiva pois sugere bem a violência do mar, revoltado por ter sido descoberto e navegado (como Adamastor tinha referido no início do episódio – cf. estâncias 41 e 42).

Parte C

Resposta livre.

Grupo II

1. Grau superlativo relativo de superioridade.
2. 2.1 a) Eu não o tinha lido; b) Tu tê-lo-ias apreciado também.
2.2 a) Forma verbal no pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, primeira pessoa do singular; b) forma verbal no condicional pretérito (ou composto) na segunda pessoa do singular.
3. a) É possível que ele tenha lido esse livro.
b) No caso de ele ter lido o livro, saberia de tudo.
c) Mal ele o leu, recomendou-o ao João.
4. Os alunos têm lido frequentemente esses livros.

- 5.5.1** Vocativo (Pedro); predicativo do sujeito (muito interessante).
- 5.2** Complemento oblíquo (da biblioteca); complemento direto (te).
- 5.3** Complemento agente da passiva (pela Maria); modificador [de grupo verbal] (hoje).
- 5.4** Modificador [de grupo verbal] (na livreria); complemento direto ([l]os).

- 6.6.1** me;
- 6.2** complemento indireto (alguém telefona a alguém).

- 7. a)** modificador [de GV];
- b)** modificador de nome restritivo;
- c)** complemento direto.

- 8.8.1** que me oferecete – oração subordinada adjetiva relativa explicativa.
- 8.2** que vai demorar algum tempo a ler – oração subordinada adjetiva relativa restritiva.
- 8.3** oração subordinada adverbial consecutiva.

Grupo III

Resposta livre.

TESTE 2 (pp. 88-92)

Grupo I

Parte A

- 1. 1.1** (B); **1.2** (B); **1.3** (D); **1.4** (C).
- 2.** (B).

Parte B

- 3.** (A) – V; (B) – F; (C) – V; (D) – F; (E) – V. 5.
- 4.** D. Pedro encontra-se apaixonado por Dona Inês, não aceita casar-se com princesa nenhuma como seria de esperar, dado que é oficialmente viúvo; este comportamento é designado pelo narrador como «namoradas estranhezas», isto é, trata-se de um comportamento que não seria de esperar em quem tem as responsabilidades de D. Pedro, que vive dominado pela «fantasia» de não se querer casar, isto é, por uma atitude menos responsável.
- 4.1** O narrador aponta o amor como causa desta situação. D. Pedro está vencido pela força do amor; ele despreza o seu dever devido a essa situação.
- 5.5.1** D. Afonso IV decide mandar matar Inês de Castro.
- 5.2** Esperava fazer com que o amor que D. Pedro sentia por ela findasse deste modo.
- 5.3** Na segunda estância, vv. 3 e 4: «Crendo **co** sangue só da morte **indina** / Matar do firme amor o fogo aceso».
- 5.4** Na segunda estância, v. 2, «Por lhe tirar o filho» (oração subordinada adverbial final).

- 6.** Indignação, espanto, admiração...

- 7. 7.1** «Tirar Inês ao mundo determina», v. 1.
- 7.2** «o filho que tem preso», v. 2 (outras metáforas são possíveis).
- 7.3** «fogo aceso», v. 4.

Parte C

Resposta livre.

Grupo II

- 1.** 1 – (E); 2 – (A); 3 – (B); 4 – (C); 5 – (D); 6 – (F).
- 2.** Provavelmente, Luís de Camões terá escrito esses sonetos.
- 3.** Provavelmente, Camões tê-lo-á avistado numa das suas viagens.
- 4.** Ó João, trá-la cá imediatamente!

Grupo III

Resposta livre.

Sequência 5

TESTE 1 (pp. 93-97)

Grupo I

Parte A

- 1.** Introdução – corresponde ao primeiro parágrafo (ll. 2 a 4); desenvolvimento – corresponde aos quatro parágrafos seguintes – (ll. 5 a 31); conclusão – corresponde ao último parágrafo – (ll. 32 a 37).
- 2. 2.1** (C); **2.2** (A); **2.3** (B); **2.4** (B).
- 3.** Este parágrafo, o quinto, funciona como um exemplo do que é dito no anterior: trata-se do exemplo da plantação de várias araucárias para marcar na memória futura «uma data memorável» (l. 29).
- 4.4.1** Ele explica a sua afirmação dizendo que os significados míticos das araucárias dispersas pelas ilhas açorianas derivam de elas se parecerem com mãos erguidas a rezar; elas constituiriam assim, misticamente, uma ligação entre a Terra e o Céu;
- 4.2** Trata-se da comparação que ocorre na frase «a sua forma piramidal tem significados estéticos e míticos, pois que sobressai na paisagem aplanada das ilhas **assemelhando-se** a mãos postas que se erguem ao céu» (ll. 34 a 36). A comparação é instituída pela forma verbal sublinhada: compara-se a «forma piramidal» das araucárias com «mãos postas que se erguem ao céu».

Parte B

1. 1.1 O tempo de elaboração do poema é duplo: é a «madrugada», final da noite e início do dia, por um lado, tempo cronológico; mas é também um tempo psicológico de libertação, de final de uma tarefa – a escrita de um livro de poemas: «Escrevo na madrugada as últimas palavras deste livro» (l. 1) o estado de espírito do sujeito poético, neste contexto de final de uma tarefa, é de tranquilidade e alegria – «tenho o coração tranquilo, sei que a alegria se reconstrói e continua.» (ll. 1-2) as sensações que o ligam à realidade exterior são sensações auditivas provenientes dos ruídos («rumores») que lhe chegam de fora e pelas «gargalhadas» das crianças; estas sensações ligam-se à «alegria» atrás referida.

1.2 O poema, embora curto, apresenta forte investimento na linguagem poética, desde logo através de vários recursos expressivos; o sujeito poético usa a sinédoque «coração» (l. 1) para se referir a si próprio; trata-se de uma sinédoque expressiva que se liga ao estado de «alegria» e de «harmonia» (ll. 2 e 6); por outro lado, a metáfora está também presente na expressão «os construtores terrenos» (l. 3), isto é os trabalhadores da terra, os lavradores, que ele sente / ouve passar no exterior; a comparação ocorre na frase «Como um rio lento e irrevogável, a humanidade está na rua.» (l. 5) o ritmo do poema é marcado por frases de dimensão aproximada, por exemplo, no segundo parágrafo «Acordam pouco a pouco os construtores terrenos, / gente que desperta no rumor das casas, / forças surgindo da terra inesgotável, / crianças que passam ao ar livre gargalhando. / Como um rio lento e irrevogável, / a humanidade está na rua.» (ll. 3-5) trata-se de frases que instauram um ritmo tendencialmente lento, de acordo com o momento do dia em que tudo vai acordando;

1.3 O poema intitula-se «Quando a harmonia chega» e revela-se perfeitamente adequado ao estado de espírito do sujeito poético acima explicitado.

Grupo II

1. 1.1 (B); **1.2** (C); **1.3** (A).

2. 2.1 (A); **2.2** (A).

3. «Os rapazes» – sujeito; «quietos» – predicativo do sujeito.

4. 4.1 Oração subordinada substantiva relativa (sem antecedente).

4.2 A primeira tem a função sintática da sujeito; a segunda de complemento direto.

Grupo III

Resposta livre.

TESTE 2 (pp. 98-102)

Grupo I

Parte A

1. 1.1 (C); **1.2** (D); **1.3** (B); **1.4** (A); **1.5** (C); **1.6** (B).

Parte B

2. O sujeito poético reafirma a decisão de mudar o curso da sua vida através da repetição anafórica «Nunca mais» presente na segunda estrofe, na terceira e na quarta.

3. «A tua face será pura, limpa e viva / Nem teu andar como onda fugitiva / Se poderá nos passos do tempo tecer.» (vv. 2 a 4).

3.1 e **3.2** Estes versos apresentam muitos recursos expressivos. No v. 3 ocorre uma comparação entre o «andar» e uma «onda fugitiva» que sugere a elegância do «andar» e a rapidez com que desapareceu, morreu; no v. 4 ocorre a personificação do «tempo» e a metáfora «tecer». A metáfora liga-se a «andar»: «tecer» é a metáfora do movimento, daqui em diante impossível de ocorrer no «tempo».

4. 4.1 A personificação da morte ocorre quando o poema diz que a morte tomará na sua mão a mão da morta.

5. 5.1 Deus, porque o poema diz que o sujeito poético só poderá amar no futuro alguém que não pode morrer: Deus é imortal.

5.2 O processo usado pelo sujeito poético para intensificar essa decisão é a repetição da ideia de que só amará quem nunca possa morrer (vv. 6, 11, 12 e 19).

6. 6.1 Trata-se do v. 12 «Sempre»: ao isolar esta palavra / este advérbio num verso, o sujeito poético aponta para a imortalidade, a perenidade de Deus.

7. Primeira e segunda estrofes – quintilhas; terceira estrofe – oitava; quarta estrofe – monóstico.

Parte C

Resposta livre.

Grupo II

1. 1.1 Predicativo do sujeito.

1.2 Modificador [de GV].

1.3 Complemento indireto.

1.4 Complemento agente da passiva.

2. «Logo que contemplou o rosto da rainha falecida».

3. a) «que nunca mais amaria uma mulher» – complemento direto;

b) «logo que contemplou o rosto da rainha falecida» – modificador [de GV];

c) «Quem vê de perto a morte» – sujeito.

Grupo III

Resposta livre.

**manual
escolar**



**PROJETO CONSTRUÍDO COM O APOIO
DA COMUNIDADE DE PROFESSORES.**

LeYa	SEBENTA	978-888-889-949-7
www.leya.com	www.sebenta.com	

